

TRABALHADOR RURAL VOLANTE ("BÓIA-FRIA") NO PARANÁ.

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E DEMOGRÁFICAS

IOLANDA CASAGRANDE

Dissertação de Mestrado em História  
Demográfica, apresentada ao curso de  
pós-graduação em História da Univer-  
sidade Federal do Paraná.

CURITIBA

MARÇO/1979

TRABALHADOR RURAL VOLANTE ("BÓIA-FRIA") NO PARANÁ.

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E DEMOGRÁFICAS.

Proprietários

Uma Visão ...

Sobre o Uso e Aumento de  
Trabalhadores Rurais Volantes

"É melhor, porque, se ele atende a pessoa, atende. Se não atende, chega de tarde paga e fala: amanhã não precisa mais vim. E, esse negócio de tê família lá, você despachando tem tanta coisa. Vai pro sindicato, dá uma dor de cabeça. Vem promotor. Então quero acabar com isso".\*

"Sei lá, ...isso aí foi dependente do governo, né. O governo lançou esse sindicato e, esse sindicato andou 'prejudicando' muitos proprietários e, é onde os proprietários foi soltando as família, né. Prefere pô máquina"\*\*.

---

\* Informação fornecida através de entrevista oral, gravada, pelo sr.J.F. - referência M-8, um dentre os 15 proprietários entrevistados. Guadiana, Dez/77.

\*\* Informação fornecida através de entrevista oral, gravada pelo sr.L.B. - referência M-11, um dentre os 15 proprietários entrevistados. Guadiana, Dez/77.

Trabalhadores

... a outra

Sobre o Trabalho Volante e a Vida de  
Trabalhador Rural Volante

"... Ano passado a gente ia colhê algodão lá pros lado de Campo Mourão. Agora inventaro uma máquina que chupa os fios e a gente não tem mais serviço. Bóia Fria vai acabá. O governo tem que dá um jeito na gente".\*

"É, dizem que a escravidão acabou. Acabou não, só mudô de jeito. A gente hoje vive com a cabeça quente dum lado pro outro, sem sabê o que fazê. No tempo da escravidão, pelo menos o escravo era tratado, tinha o que comer".\*\*

---

\* Informação fornecida pelo sr.J.S., trabalhador rural volante entrevistado. Guadiana, jan/77.

\*\* Informação fornecida pelo sr.A.F., trabalhador rural volante entrevistado. Vale Azul, jan/77.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
FONTES E METODOLOGIA .....	16
 CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DE OCUPAÇÃO E ESPECIFICIDADES DO TRABALHO VO- LANTE NA REGIÃO .....	 19
1.1. Características históricas da ocupação na Região .....	20
1.2. Evolução histórica das relações de trabalho .....	24
1.3. Fatores de aumento dos Trabalha- dores Rurais Volantes e especifi- cidades no caso do Paraná .....	27
1.4. Dinâmica populacional no proces- so de desenvolvimento recente .....	30
 CAPÍTULO II - VALE AZUL E GUADIANA - UNI- VERSO DELIMITADO À PESQUISA .....	 35
2.1. Histórico .....	36
2.1.1. Vale Azul .....	36
2.1.2. Guadiana .....	40
2.2. Atividades Econômicas .....	44

CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA POPULAÇÃO .....	50
3.1. Estrutura da população .....	51
3.1.1. Distribuição Etária .....	51
3.1.2. Estado civil da população .....	55
3.2. Condições habitacionais .....	59
3.3. Condições gerais de rendimentos e despesas dos trabalhadores rurais volantes .....	66
3.4. Escolarização da população .....	70
CAPÍTULO IV - NATURALIDADE E MOVIMENTO MIGRATÓRIO DA POPULAÇÃO .....	76
4.1. População total entrevistada - Migrantes e Naturais do Estado .....	77
4.2. Naturalidade dos trabalhadores rurais volantes entrevistados .....	81
4.3. Migração para o Paraná .....	83
4.3.1. Período de Migração para o Município..	86
4.4. As cinco últimas mobilidades migratórias dos trabalhadores rurais volantes .....	88
4.4.1. Posição na ocupação nas quatro últimas mobilidades .....	90
4.5. Mobilidades de trabalho no último mês .....	93

CAPÍTULO V - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TRABALHADORES RURAIS VOLANTES .....	96
5.1. Desagregação enquanto unidade familiar para a produção .....	97
5.2. Opções alternativas de entre-safra.....	103
5.3. Volantes que tiveram experiência como colono .....	106
5.4. Experiências anteriores como proprietários agrícolas .....	111
5.5. Trabalhadores rurais volantes que trabalharam registrados .....	113
5.6. Expectativas de trabalho e posição frente as condições atuais .....	116
CONCLUSÃO .....	119
LISTA DE TABELAS .....	126
LISTA DE GRÁFICOS .....	129
LISTA DE ANEXOS .....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	132

## APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTO

O presente trabalho constitui em Dissertação de Mestrado em História do Brasil, com área de concentração em Demografia, apresentada ao Curso de Pós-graduação em História, da Universidade Federal do Paraná.

Os créditos foram realizados no período letivo, outubro de 1975 a outubro de 1976, com bolsa da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), obtida através da Coordenação do Curso, à qual são apresentados agradecimentos.

A não vinculação de trabalho com qualquer instituição, ao iniciar o curso, acarretou dificuldades práticas para a realização da pesquisa, tais como:

- a) econômica;
- b) disponibilidade de dedicação integral;
- c) orientação.\*

Quanto à orientação são destinados os agradecimentos à Professora ALTIVA PILATTI BALHANA, coordenadora do curso e orientadora quando do efetivo desenvolvimento da dissertação e, ao Professor RUY CHRISTOVAN WACHOWICZ, orientador no início da pesquisa.

---

\* Cabe considerar dois fatores: a mudança de orientação e mudança de local de trabalho.



Cabe também agradecer à mestra e amiga, HILDA PIVARO STADNISK,\* que leu e severamente criticou o relatório preliminar e, em especial, aos inúmeros amigos que, em determinados momentos, foram solicitados.

Finalmente, com carinho, a Eliza e Francisco, meus pais, que em outros tempos viveram a problemática do homem rural.

Março/1979

---

\* Professora da Fundação Universidade Federal de Maringá.

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar as características demográficas da população rural volante, de dois núcleos populacionais, não de forma puramente estatística mas, numa tentativa de situar a análise no contexto do capitalismo brasileiro. Foi delimitado para a pesquisa o período de 1950 a 1977. Portanto, faz-se necessário:

- a) caracterizar a mudança operada no "modelo econômico";
- b) situar cronologicamente o aparecimento do trabalhador rural volante na região;
- c) identificar as especificidades em relação ao Paraná, no que tange ao aumento do número de trabalhadores rurais volantes.

Como universo de referência dos dados empíricos, localizou-se a pesquisa em duas áreas de concentração de trabalhadores rurais volantes, próximos à cidade de Maringá, na região Norte do Estado do Paraná (mapa anexo).

A opção pelo tema em questão teve como intuito registrar uma dada realidade regional, considerando o seguinte:

- a) O trabalhador rural volante, na agricultura brasileira, constitui um contingente considerável da po-

pulação agrícola vivendo em condições de extrema pobreza;

- b) A atividade científica deve estar atenta para o registro dos problemas concretos vivenciados pela população;
- c) O número de trabalhadores rurais volantes no Estado e região da pesquisa é bastante significativo.

A política econômica adotada pelo governo em meados da década de 50 promoveu uma aceleração do capitalismo brasileiro. A ênfase desenvolvimentista, privilegiando os setores dinâmicos da economia, ao mesmo tempo em que deixava relegada a segundo plano a agricultura, criava pré-condições para profundas transformações no sistema de produção e nas relações de trabalho da população agrícola. Considerando que a população agrícola constitui tema central, foram identificadas três problemas decorrentes dessas transformações:

- a) Mudanças qualitativas nas condições de vida da população, deteriorando-as. O trabalhador rural é separado da terra, uma vez que as categorias de trabalho: (colono, parceiro) passam a ser formas históricas em extinção. A perspectiva de posse da terra passa a ser privilégio de uma minoria<sup>1</sup>.
- b) Aceleração do processo migratório. O caráter de sazonalidade que identifica o trabalho rural volante, au

---

<sup>1</sup>MELLO, Maria Conceição D'Incao e. O "Bóia Fria": Acumulação e Miséria. Petrópolis, Editora Vozes, 1975. p. 45.

menta a mobilidade migratória dos trabalhadores, forçá-os a constantes deslocamentos em busca de alternativas de sobrevivência.

- c) Desagregação da família enquanto unidade de produção. Tanto no colonato, quanto na parceria o caráter preponderante da família é a unidade para a produção. No trabalho rural volante a família perde essa característica na medida em que "o trabalho de cada um na da tem a ver com a totalidade dos trabalhos familiares e a quantidade de trabalho independe do desempenho do conjunto"<sup>2</sup>.

O trabalhador rural volante, comumente conhecido como "bóia fria", é aqui conceituado como "o trabalhador rural que, residente na zona urbana ou suburbana, presta serviços na zona rural, mediante salário, geralmente em diferentes propriedades agrícolas ou pecuárias. É contratado pelo "turmeiro", "gato" ou "empreiteiro", o qual lhe faz os pagamentos e o transporte, geralmente em caminhão."<sup>3</sup> ... "Não é registrado em carteira, mas contratado por dia, tarefa ou empreitada, pelo prazo sempre inferior a um ano e ganhando salários apenas pelos

---

<sup>2</sup>STEIN, Leila. O trabalho volante: indicações para a caracterização de um debate. In: Contraponto. Ano 1, nº 1, novembro, 1976. p.73.

<sup>3</sup>FREITAS, Gilberto Passos de. e ARANHA, Nilse Maria Pينهيرو. "Bóia-Fria", Problemas e Soluções. Botucatu, F.C.M.B., 1975. p.83.

dias efetivos de trabalho ou pelas tarefas realizadas"<sup>4</sup>.

Dada a dificuldade de encontrar um autor que reunisse as principais características do trabalhador rural volante agregaram-se duas conceituações que se complementam. Muito embora haja trabalhadores rurais volantes registrados, o fato continua sendo excessão à regra e, a ausência de vínculos, em termos teóricos, continua sendo uma das características principais, já identificadas por Maria Conceição D'Incao e Mello, em obra citada.

Coloca-se em termos teóricos uma vez que, na prática, desde que reclamados os direitos, tendo cumprido a permanência de um ano, muitos têm sido os exemplos de ganhos de causa. Ressalte-se que a permanência por mais de um ano, não constitui fato muito raro.

O "turmeiro", "gato" ou "empreiteiro de mão de obra" é a pessoa que trata com o proprietário agrícola e arregimenta os "bóia-fria"<sup>5</sup>, funciona, portanto, como intermediário entre os proprietários e trabalhadores.

O trabalho rural volante, como forma de relações de trabalho na agricultura, tornou-se visível no campo brasileiro, a partir dos anos de 60. Os trabalhadores rurais

---

<sup>4</sup>JORDAO NETO, Antonio. Tentativa de clarificação dos conceitos de migrantes, trabalhadores temporários e trabalhadores volantes. Botucatu, F.C.M.B., 1975. p.10.

<sup>5</sup>FREITAS & ARANHA, p.89.

volantes "recebem denominações específicas dependendo da região: 'bóia-fria' no Paraná e São Paulo, 'pau de arara' em algumas áreas de São Paulo e 'clandestinos' na zona canavieira de Pernambuco"<sup>6</sup>. No Rio Grande do Norte recebe a denominação de "trabalhador alugado".

Sobre o assunto, uma série de trabalhos, concluídos e, em execução, existe para o Estado de São Paulo e Paraná, principalmente, onde a aceleração do processo capitalista mostra-se mais acentuada.

Conforme citação em pesquisas anteriores<sup>7</sup> destaca-se um conjunto de fatores que atuaria como responsável pela adoção do processo de trabalho rural volante, qual seja:

- a) Implantação do Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963 que, por um lado, teria amedrontado os proprietários agrícolas e, por outro, lhes teria acarretado uma série de encargos trabalhistas;
- b) A mecanização da agricultura que, por um lado, determinaria o êxodo rural e, por outro, o trabalho rural volante;

---

<sup>6</sup>GONZALES, Elbio N. e BASTOS, Maria Ines. O trabalho volante na agricultura brasileira. Botucatu, F.C.M.B., 1975. p.1.

<sup>7</sup>Citado por GONZALES & BASTOS, p.13. Sumariado de "A nova face da agricultura", Revista da Cooperativa Agrícola de Cotia, São Paulo, out/68.

- c) A substituição de culturas ou a extensão das atividades agropecuárias que provocariam o êxodo, na medida em que a mão-de-obra indispensável é mínima.

Todos esses fatores, embora respaldados empiricamente, são secundários na medida em que constituem variáveis dependentes da racionalização inerente ao processo de moderniza-ção agrícola, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo no campo.



## FONTES E METODOLOGIA

Para conhecimento das especificidades demográficas desta categoria de trabalhadores potou-se pela realização de pesquisa de campo como fonte-base. Os dados secundários foram utilizados como material de apoio e complementação. As fontes de informações foram:

- a) Censo demográfico de 1950, 1960 e 1970;
- b) Aplicação de formulários e trabalhadores rurais volantes;
- c) Entrevistas orais, gravadas, com proprietários rurais.

Para delimitação da área procedeu-se sondagem preliminar onde foram aplicados 69 formulários a trabalhadores rurais volantes na região, sem universo definido. Desta sondagem preliminar resultou como definição concentrar a pesquisa em dois núcleos populacionais, cujo contingente tinha como atividade principal o trabalho rural volante.

Foram aplicados 137 formulários, sendo 75 no núcleo populacional de Guadiana e 62 no núcleo populacional do Vale Azul, correspondendo a população total ligada a atividade agrícola, na condição de volante.

Para a aplicação dos formulários adotou-se como critério-base entrevistar chefes de família que, no momento da

pesquisa, estivessem trabalhando na agricultura na condição de volante. Vale ressaltar que o caráter de chefe-de-família foi atribuído à pessoa a quem recaíam as responsabilidades econômicas da casa, correspondendo, algumas vezes, à mãe ou a um filho, neste caso arrimo de família.

As entrevistas foram realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 1977, em fins de semana, durante a semana após as 18:00 hs ou em dias de chuva. Os trabalhadores rurais volantes foram procurados em suas casas.

O formulário foi montado de forma a fornecer informações sobre os seguintes itens base:

- a) Caracterização de moradia;
- b) Caracterização da família;
- c) Escolarização;
- d) Caracterização do trabalho rural volante;
- e) Características de migração.

Além dos formulários aplicados aos trabalhadores rurais volantes, realizaram-se entrevistas gravadas, adotando-se técnicas de história oral, com proprietários rurais locadores da mão de obra, no momento da pesquisa.

A partir das respostas dos trabalhadores rurais volantes - onde o Sr. está trabalhando no momento? - foi feita a escolha dos proprietários rurais a serem entrevistados. Foram selecionados então, de forma aleatória, 15 proprietários rurais, ou seja, o equivalente a 10% do total das en-

trevistas com trabalhadores rurais volantes.

Nos termos das informações, estabeleceu-se um roteiro-base onde a preocupação fundamental foi verificar as modificações operadas na propriedade. Essa preocupação teve como objetivo responder a duas questões:

- a) a partir de quando o trabalho rural volante começou a ser utilizado na região;
- b) Que fatores propiciaram seu aumento.

As entrevistas com os proprietários rurais foram realizadas em dezembro de 1977, 10 meses, portanto, após a aplicação dos formulários, o que possibilitou perceber mudanças nas tendências de utilização de mão-de-obra.\*

---

\* Muitos proprietários entrevistados estavam utilizando "Bóia fria", em menor escala e, experimentando o uso de herbicidas.

## CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DE OCUPAÇÃO  
E ESPECIFICIDADES DO TRABALHO VOLANTE  
NA REGIÃO.

### 1.1. CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DA OCUPAÇÃO DA REGIÃO

A história da ocupação do Norte paranaense está ligada às andanças do café no território brasileiro e situa-se, pelo lado das características da estrutura fundiária, a colonização, pela Companhia de Terras Norte do Paraná, na conjuntura de crise de 1929.

O café, principal produto de exportação, vinha, desde os finais do século XIX, apresentando fases de superprodução. Da série de medidas tomadas pelo governo para desfesa do produto no mercado,<sup>8</sup> uma em especial atua como incrementadora da ocupação da região, ou seja, a proibição de plantio do café em terras do Estado de São Paulo. A permanência do café como importante produto do setor agro-exportador fez deslocar o eixo de plantação para as terras roxas paranaenses.

Por outro lado, a criação da Companhia de Terras Norte do Paraná foi resultante da visita ao Brasil da Missão Econômica Inglesa, sob convite especial do então presidente Artur Bernardes para estudar a economia brasileira. Um dos integrantes da Missão Econômica, Simom Joseph Fraser, Lord Lovat, diretor da Sudan Cotton Plantations Syndicate e representan-

---

<sup>8</sup>SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo, Alfa Ômega, 1976. p.

te dos interesses desta Companhia tinha, como incumbência, estudar as possibilidades de aplicação de capitais ingleses no Brasil<sup>9</sup>.

Os interesses por terras que se destinaram inicialmente à plantação de algodão são canalizados para empresa mais lucrativa: uma companhia de colonização. Portanto, da Brazil Plantations Syndicate Ltd., fundada em 1924, tivemos a Companhia de Terras Norte do Paraná, registrada em 24 de setembro de 1925, como subsidiária brasileira\*. Durante a Segunda Guerra Mundial, dado à necessidade de recursos por parte da Inglaterra, a Companhia foi vendida a empresários brasileiros e passou a designar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, responsável pela colonização de 515 mil alqueires<sup>10</sup>.

As diretrizes de planejamento adotadas pela então Companhia de Terras Norte do Paraná, inspiradas em experiência anterior, devido à conjuntura da época, possibilita sucesso imediato ao empreendimento. A economia de crise dificultava a venda de lotes grandes, daí a divisão e venda,

---

<sup>9</sup> Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná.

Publicação comemorativa de cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. São Paulo, Edane, 1975. p.42.

\* Mais tarde, dado à necessidade de ampliação do capital da empresa, solução mais fácil foi a fundação da Paraná Plantations Ltd., que substitui a Brazil Plantations Syndicate Ltd.

<sup>10</sup> Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná. p.54.

inicialmente, de pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires. Os lotes maiores são vendidos mais tarde.<sup>11</sup>

Desta forma as novas terras se vêem rapidamente povoadas por proprietários, colonos e parceiros, oriundos das fazendas de café de São Paulo principalmente, e de Minas Gerais.

O Paraná passa a receber migrantes de quase todos os Estados brasileiros, bem como estrangeiros, seja migrantes anteriormente radicados em São Paulo e Minas Gerais, seja migrantes novos atraídos para a área de colonização ou expulsos das áreas de origem, por, entre outros fatores, falta de perspectiva de sobrevivência.

A ocupação da região onde foi localizada a pesquisa acentua-se nas décadas 30/40, sendo que na década de 50 já estavam vendidos quase a totalidade dos lotes urbanos e rurais<sup>12</sup>. Ressalte-se que essa informação é corroborada pelos dados obtidos junto aos entrevistados, conforme tabela nº 4.

---

<sup>11</sup>CANCIAN, Nadir Aparecida. A cafeicultura paranaense: 1900-1970. São Paulo, Departamento de História - USP, 1977 (tese de doutoramento).

<sup>12</sup>PERARO, Maria Adenir. Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970. Curitiba, UFPR, 1978 (dissertação de mestrado).

O café, fator dinamizador da ocupação, liderou até 1950 na região do Norte Pioneiro, quando sofre declínio em função das constantes quedas de preço<sup>13</sup>. O café predomina na região do Norte Novo até a década de 60, intercalado com culturas de subsistência cujo excedente era voltado para o mercado interno.

A partir daí a substituição do café pelo soja, provocada pelas oscilações de preços no mercado, entre outros fatores, vai determinar alterações na forma como a produção estava organizada.

O soja, intercalado com o trigo, são culturas mecanizadas que exigem altos investimentos, tendendo a alterar a estrutura fundiária, uma vez que a produção na pequena propriedade torna-se onerosa. A mecanização, por outro lado, altera a composição da mão-de-obra necessária à produção, provocando alterações no contingente populacional residente no campo e nas próprias relações de trabalho mais comumente utilizadas, constituindo-se em fator propulsor no aumento do número de trabalhadores volantes.

---

<sup>13</sup>CANCIAN, p.291.



## 1.2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

A história de ocupação da região norte paranaense, como prolongamento da cultura cafeeira paulista, faz com que se registrem similaridades nas categorias de trabalho encontradas.

Foi muito comum os próprios membros masculinos das famílias deslocarem-se para realizar a abertura da propriedade. Construíam um rancho, onde dormiam e "queimavam panelas"\* e iniciavam a derrubada do mato.

A empreitada foi uma das formas mais utilizadas na abertura das terras<sup>14</sup>, uma vez que grande parte dos proprietários mantinha residência na propriedade anterior. Normalmente o roteiro de migração foi: São Paulo, Norte Velho (PR) e Norte Novo (PR). (Ver mapa em anexo). Na empreitada destacam-se:

- a) empreitada só da derrubada do mato, os proprietários, geralmente, seguiam com a família para realizar a plantação;
- b) empreitada por 6 anos, onde, normalmente, o empreiteiro derrubava o mato e realizava a plantação, sen

---

\* Expressão de uso popular significando cosinhar de improviso.

<sup>14</sup>STEIN, p.74.

do que tudo que produzisse durante esse tempo, inclusive café, pertenceria ao empreiteiro<sup>15</sup>. Dos que empreitavam só a derrubada do mato, muitos iam com a família em seguida para realizar a plantação, ou então, pagavam ao "formador de café".

O "formador de café" foi modalidade muito comum, cujo contrato tinha duração de 4 anos. O proprietário contrata o "formador de café" após aberta a propriedade e, durante 4 anos, paga um valor x por pé de café. Após vencido o contrato inicial, permanecendo na propriedade, geralmente, continua como parceiro. Os trabalhadores "formadores de café" normalmente, referem-se ao fato com um certo orgulho a esta "especialização".

Ainda entre as categorias predominantes, destaca-se o colônato que, adotada desde o início, dado a monocultura do café, teve papel destacado: "consistia no contrato de uma família para cuidar de alguns milhares de pés de café por ano, mediante um pagamento mensal".<sup>16</sup> A quantia combinada anual é parcelada na "mesada" e à colheita, o pagamento é feito separado, por produção. Muitos foram os colonos, paulistas e paranaenses, que conseguiram "ganhar um dinheirinho" e adquirir propriedade.

A parceria é outro sistema que foi muito usado e que gradativamente substituiu o colônato. Dependendo da safra

---

<sup>15</sup>MELLO, p.50

<sup>16</sup>Idem, p.50

o parceiro consegue realizar poupanças que lhe permitem realizar sua aspiração máxima: tornar-se proprietário. Na parceria do café é comum usar-se a "meia" ou o sistema 60/40%, sendo a maior parcela do proprietário.

Na agricultura paranaense, o sistema de parceria, em sua maior parte, foi substituído pelo trabalho rural volante após a geada de 1975, uma vez que, tanto proprietários como parceiros, ficaram sem capital. Na parceria, normalmente, os investimentos são feitos pelo parceiro, ou então, o capital necessário é adiantado pelo proprietário, seja pessoal ou através de financiamento. Com a grande geada, as colheitas ficaram totalmente prejudicadas e os financiamentos anteriores tiveram seus prazos prorrogados. Por outro lado, muitos foram os proprietários que, em vez de esperar 4 anos para a recuperação do café, preferiam substituí-lo pelo soja, mecanizando as propriedades.

Por outro lado, 1975 pode ser considerado um ponto de ruptura, uma vez que, quando de novos programas oficiais de financiamento para plantio de café, regulado por normas do IBC, o sistema de mão-de-obra adotado, em termos de tendência, passa a ser trabalho rural volante em substituição ao antigo sistema de parceria.

### 1.3. FATORES DE AUMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS VOLANTES E ESPECIFICIDADES NO CASO DO PARANÁ.

Pode-se distinguir duas ordens de variáveis que atuam, conjuntamente, contribuindo para o aumento do número de trabalhadores rurais volantes. Uma, de caráter exógeno, vinculada a estrutura do capitalismo internacional e outra, de caráter endógeno, vinculada ao processo de desenvolvimento do capitalismo internamente.

A agricultura brasileira, desde o período colonial mantém o caráter de produção para o mercado externo, e a política intervencionista do governo na economia cafeeira se dá desde 1906 com o Convênio de Taubaté<sup>17</sup>.

No caso do Paraná pode-se situar como fatores de aumento do número de trabalhadores rurais volantes:

- a) Política oficial em relação à agricultura;
- b) A substituição de lavouras e conseqüente mecanização;
- c) A aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR) em 1963;
- d) As grandes geadas (1965 a 1975) dizimadoras da lavoura cafeeira.

---

<sup>17</sup>CANCIAN, p.63

A política intervencionista em relação à produção do café foi o principal fator propulsor da ocupação da Região Norte do Estado do Paraná. A manutenção do constante controle de produção traduziu-se concretamente em dois programas consecutivos (1962 e 1966) realizados através do IBC/GERCA, com erradicação do café pago e financiamento da substituição do café por lavouras temporárias e pastagens<sup>18</sup>. Esse controle se fazia necessário, como medida reguladora dos preços, devido às fases de superprodução que vinham se repetindo.

Por outro lado, a substituição de lavouras e consequente mecanização, foi uma decorrência de ordem estrutural, determinada pela política oficial, seja ao nível das oscilações de preços dos produtos no mercado externo, seja ao nível da política industrializante, a partir de meados da década de 50.

A superprodução do café coincide com a valorização do soja como produto de exportação, principalmente, a partir de 1967, com a elevação dos preços no mercado internacional. Ressalte-se que, internamente, o processo capitalista substanciado na política industrializante, dava mostras dos seus resultados.

A aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), em 1963, que estende para os trabalhadores rurais a maior parcela dos direitos adquiridos pelos trabalhadores assalaria-

---

<sup>18</sup>CANCIAN, p.293

dos urbanos, dado seus reflexos ao nível do concreto (reclamações trabalhistas, dispensa dos trabalhadores), atuou como um fator de aumento do número de trabalhadores rurais volantes. A conquista dos direitos, pela lei, fez com que os proprietários se sentissem ameaçados nos seus lucros, na medida em que os trabalhadores começavam a reivindicar o pagamento das indenizações para saída da propriedade. Isto gerou dispensa de enormes contingentes de trabalhadores, ainda desconhecedores da lei. Esses trabalhadores migram para a periferia urbana e, geralmente, continuam a exercer atividades na zona rural, na condição de trabalhador rural volante.

As grandes geadas de 1965 e 1975, referidas anteriormente, constituem fator de aumento dos trabalhadores rurais volantes na medida em que:

- a) Foi acompanhada pela política oficial de erradicação do café (1966);
- b) As safras foram prejudicadas atingindo tanto proprietários quanto trabalhadores parceiros;
- c) Contribuiu para modificar a estrutura produtiva na agricultura, no Estado.

#### 1.4. DINÂMICA POPULACIONAL NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO RECENTE.

O desenvolvimento econômico a partir de meados da década de 50 acarretou sensíveis mudanças no contingente populacional do campo brasileiro. Os dados abaixo ilustram o processo migratório no período 40/50, sem especificação de rural/urbano.

TABELA Nº 1

VARIAÇÃO DO NÚMERO DE PARANAENSES NATOS VIVENDO FORA DA UNIDADE DE ORIGEM, NA DATA DOS RECENSEAMENTOS: 1940 e 1950

Naturais de outra unidade vivendo no Paraná			Diferença	Naturais do Paraná vivendo em outra unidade			Diferença
1940	1950	40/50%		1940	1950	40/50%	
216.245	663.730	206.9		62.658	71.310	13.8	

Fonte: Conjuntura Econômica, set. 1953 p.59 In: DURHAN, Eunice R. A caminho da cidade pg.31.

Observa-se, pela tabela, que a entrada de migrantes para o Paraná, no período, foi superior às saídas.

Desta forma, destaca-se em relação ao Paraná, a migração sob dois aspectos:

- a) a ocupação econômica faz-se mediante o afluxo de migrantes de quase todos os Estados brasileiros;
- b) na década de 60 a migração rural/urbana assume proporções delicadas na medida em que gera problemas habitacionais de infra-estrutura.

O processo de urbanização e migração na América Latina<sup>19</sup> se tem caracterizado pelo exposto acima, no item b e, é nessa ótica, descendo à especificidade regional, que se justifica o enfoque.

A migração rural, na Região, caracteriza-se preponderantemente por fatores de expulsão dado que resulta da introdução de relações de produção capitalista no campo.<sup>20</sup>

A incipiência do parque industrial da área de influência da população relega a segundo plano a migração por fatores de atração. Ressalte-se que, a nível empírico a preocupação com a educação dos filhos tem peso relativo na mudança para a área urbana, muito embora essa preocupação seja decorrência das precárias condições de vida no campo.

Portanto, à medida que diminuem as possibilidades de subsistência e, em consequência, de permanência do migrante no município de 1ª migração, o mesmo avança para outros municípios e Estados ou, em menor escala, descreve um roteiro de volta ao Estado de origem.

---

<sup>19</sup>MELLO, p.20

<sup>20</sup>SINGER, Paul. et alli. Migraciones internas: consideraciones teóricas sobre su estudio. In: Las Migraciones Internas en America Latina. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1974. p.107



A população dos três municípios que abrigam os dois núcleos populacionais objeto da pesquisa assim se comporta, segundo dados dos Censos Demográficos de 1950, 1960 e 1970.

TABELA Nº 2

TOTAL DO ESTADO E MUNICÍPIOS ONDE SE LOCALIZOU A PESQUISA.  
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO 1950/1960/1970.

Municípios	1950	1960	1970
Marialva	21.396	27.511	37.505
Maringã	38.588	94.448	121.461
Mandaguaçu	-	26.721	16.745

Fonte: FIBGE - Censos Demográficos 1950, 1960, 1970.

In: Estrutura Agrária: uma metodologia para seu estudo na história. TRINDADE, Judite Maria Barbosa. Dissertação de Mestrado. Curitiba - UFPR, 1977.

Em termos de população total observa-se que o índice de crescimento 50/60 foi de 147,8% e 60/70 foi de 18,1%, sendo que em 50 ainda não se registra população para Mandaguaçu que se encontrava agregada ao Município de Maringã.

O elevado índice de crescimento registrado no período 50/60 dá-se em função da ocupação da região neste período, fundamentalmente com a monocultura do café, sendo que a população constitui-se basicamente de migrantes.

Na população total do período 60/70 somam-se, além do crescimento vegetativo, afluência de migrantes de naturalidade diversa e provenientes do Paraná, Norte Velho, São Paulo e Minas Gerais, principalmente.

TABELA Nº 3

TOTAL DO ESTADO E MUNICÍPIOS ONDE SE LOCALIZOU A PESQUISAEVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO - RURAL/URBANA. 50/60 E 70

MUNICÍPIOS	1 9 5 0		1 9 6 0		1 9 7 0	
	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL
Marialva	2.860	18.536	5.533	21.978	9.570	27.935
Maringá	7.270	31.318	44.216	50.232	100.158	21.303
Mandaguaçu	-	-	3.316	23.405	4.473	12.772
TOTAL	10.130	49.854	53.065	95.615	115.201	61.510
Estado/PR	528.863	1.587.245	1.325.245	2.951.991	2.501.660	4.435.083

Fonte: FIBGE - Censo Demográfico 1950/60/70. In: Estrutura Agrária: Uma metodologia para seu estudo na História. TRINDADE, Judite Maria Barbosa. Dissertação de Mestrado. Curitiba UFPR — 1977.

Em números absolutos, o elevado crescimento urbano permite verificar os índices particularizados para os Municípios. Observa-se que os índices relativos de crescimento urbano foram, no período 60/70, de 72,9% para Marialva, 126,5% para Maringá e 34,8% para Mandaguaçu.

As características contidas no projeto de fundação de Maringá, cidade planejada para se transformar em grande metrópole<sup>21</sup>, de um empreendimento capitalista, justificam a grande afluência de migrantes.

As relações de crescimento urbano registradas para os municípios contrapõem-se à queda da população rural, que assim se comporta no período 60/70. Os crescimentos verificados foram 27,1% para Marialva, 57,5% para Maringá e 47,5% para Mandaguaçu.

A diminuição da população rural justifica-se por um lado, pelo desmembramento de municípios e por outro, pela extensão do processo capitalista no campo, já referido anteriormente.

---

<sup>21</sup> Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná, p. 76.

## CAPÍTULO II

VALE AZUL E GUADIANA

UNIVERSO DELIMITADO À PESQUISA

## 2.1. HISTÓRICO

### 2.1.1. VALE AZUL

Os dois povoados delimitados à realização da pesquisa estão localizados na Região Norte Paranaense, Norte Novíssimo, dentro da área de 515 mil alqueires adquiridos pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Os povoados estão distantes um do outro aproximadamente 33 quilômetros, abrangendo 3 municípios: Marialva, Maringá e Mandaguaçu. Destas cidades apenas Mandaguaçu foi fundada por iniciativa de particulares.

O loteamento\* "Chácara Aeroporto", comumente conhecido por Vale Azul, como será referido neste trabalho, está localizado nos Municípios de Maringá e Marialva e, os dois Municípios, na área do povoado, estão separados pelo Rio Pinguim.

O loteamento compõe-se de 1.200 lotes sendo que 800 estão localizados no Município de Marialva e 400 no Município de Maringá. A área inicial, uma fazenda foi loteada no ano de 1963, coincidindo com a época em que as fazendas ali localizadas iniciaram o processo de expulsão dos colonos, demolindo as casas de moradia. Essa data coincide com o ano de aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, muito embora não tenha sido possível verificar essa relação.

---

\* Divisão das terras em áreas pequenas com destinação urbana ou rural.

No momento da pesquisa existiam ali 150 lotes com casas construídas, estimando-se a população em 735 habitantes.\*

No povoado do Vale Azul foram entrevistados 62 chefes de família trabalhadores rurais volantes. Os demais moradores trabalham na cidade em atividades diversas, ou então são pequenos proprietários, uma vez que os lotes não são homogêneos em suas áreas.

O povoado ficou conhecido como Vale Azul, em função da existência, no Rio Pinguim, de um clube social, Vale Azul Iate Clube.

A população do Vale Azul mantém características rurais mais acentuadas ou seja, hábitos e costumes mais tradicionais. Os pais e maridos oferecem resistência a que as mulheres trabalhem. Um entrevistado declarou não permitir que sua filha trabalhe de doméstica por problema moral, uma vez que "a moça fica falada".

No Vale Azul, apenas treze pessoas do sexo feminino trabalham de volante e, além disso, constatou-se que as mulheres trabalham acompanhando os pais ou maridos, quando o serviço é de empreitada. Conforme relata um entrevistado "é uma sem-vergonheira, falam palavrão, filha minha num sobe em caminhão". Isto posto, normalmente as mulheres não andam no caminhão de "bóia-fria".

---

\* A estimativa foi feita com base na média de filhos encontrada junto aos entrevistados: 4,9 para o Vale Azul e 4,1 para Guadiana.

Observa-se uma população mais enquadrada aos padrões tradicionais de comportamento, onde as filhas são educadas para serem donas de casa, mães de família, saindo da tutela do pai para a tutela do marido.

No núcleo populacional do Vale Azul, a participação do menor na força de trabalho é mais baixa. A maioria estuda. As crianças em idade escolar que também trabalham o fazem em apenas um período.

Existem duas escolas à disposição da população. Uma localizada na praça central do povoado, pertencente ao Município de Marialva com até 4a. série do primeiro grau e outra, no Município de Maringá com até 8a. série, muito embora houvessem reclamações pela inexistência de escolas noturnas, o que dificulta a continuidade dos estudos pelos adolescentes.

Em termos religiosos a população está bastante dividida. O povoado possui três igrejas. Na praça central está localizada a igreja católica, capela dedicada a São Miguel Arcanjo, que, embora não conte com padre residente, realiza missa todos os terceiros domingos do mês com batizados e casamentos. O responsável pela capela é o padre da paróquia do bairro Aeroporto, de Maringá.

Os participantes da comunidade católica formam comissões que se responsabilizam pela organização da festa anual, no dia 6 de janeiro, em honra de São Judas Tadeu. Organizam também quermesses periódicas para arrecadação de fundos necessários às benfeitorias.

A Igreja da Congregação Cristã do Brasil é a que possui maior número de adêptos, segundo os moradores é a mais bem organizada. Possui ainda a Igreja Adventista do 7º Dia, com índice de participação pouco significativa.

Nos fins de semana, como lazer, constatou-se que os moradores organizam competições esportivas, com equipes formadas de moradores do Município de Maringá e moradores do Município de Marialva.

Um outro fato que se observa em fins de semana é a grande afluência aos bares, inclusive moradores das fazendas vizinhas e, os bêbados são uma constante. Conforme declaração de um dos proprietários de bar: "com Cr\$ 5,00 eles compram uma garrafa de pinga, quando o mesmo dinheiro não dá pra comprar alimento suficiente pra família. Então eles preferem se embriagar e esquecer, isso é muito comum".

Em termos de organização local constatou-se que, para manutenção da ordem, os moradores, através de votação, escolheram para "delegado" do lugar um dos moradores mais antigos. O mesmo reside no local há 23 anos e sua função é reconhecida pela Prefeitura e Delegacia de Marialva. Sua função, de direito, é figurativa pois não recebe qualquer compensação pela função mas, de fato, atende a necessidade de todo tipo à população: embriaguês, briga, doença, trânsito, etc. Sua condução, uma rural, está sempre pronta a qualquer horário, do dia ou da noite. Sente-se orgulhoso e é respeitado pelo trabalho que realiza.



### 2.1.2. GUADIANA

Guadiana, localizada no Município de Mandaguaçu, teve sua planta aprovada em 31/12/47. As primeiras vendas começaram em maio de 1948, sendo, a maior parte dos terrenos,\* vendidos em 1952.

A iniciativa foi da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e se destinava a ser mais uma cidade "abastecimento", ou seja, "patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários"<sup>22</sup>.

Um dos fatores que se conseguiu detectar como responsável pelo fracasso da cidade, foi a dificuldade da população em relação ao abastecimento d'água. Para conseguir água é necessário furar um poço de no mínimo 50m. Seguia-se um outro inconveniente, a composição do solo, que não favorece a conservação dos poços.

Inicialmente o povoado alcançou desenvolvimento grande com um centro comercial diversificado e dinâmico. Estava cumprindo a função a que se destinava. Provavelmente com a persistência do problema de água tenha iniciado um processo de estagnação, processo esse, agravado com a fundação de Mandaguaçu, por um grupo de 8 proprietários rurais, possibilitando a transferência da população. Ressalte-se que Mandaguaçu fica a uma distância de 2km de Guadiana.

---

\* A nomenclatura adotada para os terrenos urbanos é data.

<sup>22</sup> Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná, p.77.

Por volta de 1956 a 1960 o então prefeito de Mandaguaçu, mandou demolir mais ou menos 150 casas de Guadiana e transferi-las para Mandaguaçu.\*

No momento da pesquisa existiam ali cerca de 170 casas construídas, estimando-se a população em 697 habitantes. A média de filhos encontrada foi 4,1.

Neste núcleo populacional foram entrevistados 75 chefes de família trabalhadores rurais volantes. Os demais moradores trabalham em Mandaguaçu, em Guadiana, de saqueiros, biscateiros, ou compõem o grupo dos comerciantes locais.

Quanto à origem do nome, não se conseguiu informações precisas. Alguns moradores afirmam que o nome foi atribuído em homenagem a um índio encontrado nas proximidades. Um outro morador, questionado a respeito relata ter ouvido dizer que a atribuição do nome foi em homenagem a "Diana" uma índia pertencente à tribo, que habitava o local, o que não se conseguiu comprovar.

O que pode fornecer algum fundamento às informações relatadas é a referência que se tem à existência do "cemitério dos caboclos", distante 5 km do local, considerando que caboclo é um remanescente indígena.

---

\* Esta informação foi fornecida pelos moradores de Guadiana e confirmada através de entrevista oral, gravada, com o sr. J.F., referência M-8, um dentre os 15 proprietários entrevistados.

A população de Guadiana revela situação de miséria mais acentuada, mobilidade migratória mais constante e, consequentemente, perda de valores tradicionais.

As mulheres trabalham de domésticas e em atividades rurais transportadas em caminhões junto com os homens, embora declarem não gostar. Como é o caso da entrevistada "trabalho de bôia-fria mas num gosto não, porque dá muita confusão, mesmo no caminhão as veiz dá briga". Muitas reclamam a dificuldade de trabalhar em turmas mistas pela falta de sanitários. Há uma participação maior das mulheres na força trabalho, comparativamente ao Vale Azul.

Em Guadiana também o menor participa da força de trabalho em maior escala. Existe apenas uma escola de nível primário, até 4º ano, em precárias condições. Mas, mesmo assim muitos não estudam pela necessidade de trabalhar e contribuir para o orçamento doméstico.

O núcleo populacional dispõe apenas de Igreja Católica, sem padre residente. O padre de Mandaguaçu é quem reza missa uma vez por mês. A festa religiosa tradicional em homenagem à padroeira é realizada em outubro e, também há uma comissão encarregada da organização da festa. Outros credos religiosos não têm representação institucional.

De modo geral a população é mais apática, nada havendo em fins de semana, como atividade de lazer. Isto é justificado pelo pouco tempo de permanência da população no local. As ocupações de fins de semana são os bares e as bebedeiras.

O comércio local compõe-se de 9 estabelecimentos comerciais, assim distribuídos: três armazéns de secos e molhados, 2 açougues, três bares e uma máquina de café.

Uma tentativa concreta de sanar o problema de água foi a perfuração de um poço artesiano, em meados de 1977, muito embora o elemento propulsor desta medida tenha sido a possível instalação de um frigorífico no local.

## 2.2. ATIVIDADES ECONÔMICAS

As informações contidas neste item, foram obtidas através de entrevistas com os proprietários rurais, em cujas propriedades estavam locados os trabalhadores rurais volantes, no momento da pesquisa.

As atividades econômicas desenvolvidas na área de influência dos trabalhadores rurais volantes constituem-se, basicamente, em café, soja/trigo e pecuária.

Conforme referência anterior, a ocupação econômica da Região se fez através da monocultura do café, possibilitando o crescimento acelerado, a partir da década de 1940.

A ênfase às exportações,\* principalmente a partir da década de 60, norteou as mudanças na estrutura econômica do Estado, em caráter mais acentuado na região norte paranaense.

A elevação do preço do soja no mercado internacional, a partir de 1967, determinou medidas estatais - como política econômica deliberada - no sentido de substituir áreas ocupadas com café por áreas ocupadas com soja/trigo.

---

\* Onde a agricultura ocupa posição de destaque, dado que a hegemonia perdida não implicou em perda de importância relativa.

A mecanização foi resultante da política econômica posta em prática a partir de meados da década de 50, caracterizando-se pelo desenvolvimentismo.

Através das entrevistas com os proprietários, tendo como preocupação fundamental verificar as modificações operadas nas propriedades, foram obtidos dados que corroboram os objetivos iniciais da pesquisa, ou seja:

- a) Situou-se cronologicamente o aparecimento do trabalhador rural volante na região;
- b) Identificaram-se as especificidades em relação ao Paraná.

Fundamentalmente, as seguintes informações bases permitem inferir estas respostas:

- a) Ano de aquisição da propriedade;
- b) Culturas desenvolvidas quando da aquisição e as atuais;
- c) Ano de mecanização da propriedade;
- d) A partir de quando passou a utilizar trabalhador rural volante.
- e) Posição frente ao uso e aumento de trabalhadores rurais volantes.

No decorrer do discurso dos entrevistados esses fatos se evidenciam. A seguir, na tabela 4, observa-se o histórico das propriedades dos entrevistados:

TABELA Nº 4 HISTÓRICO DAS PROPRIEDADES DOS ENTREVISTADOS - VALE AZUL E GUADIANA

REF.	ANOS DE AQUISIÇÃO	ÁREA/ALQ.	CULTURA INICIAL	MECANIZAÇÃO
M - 01	1961	15.	Café	1973
M - 02	1971/74/76/76/76	21, 20, 28, 24, 50	Café e Pecuária	1976
M - 03	1969/76/76	59, 23 e 210.	Cereais, soja/trigo	1976
M - 04	1973/75	5, 10.	Kiri, Café	-
M - 05	1960/67	25, 100.	Pecuária	1974
M - 06	1963/64	12, 125.	Pecuária, Café	1975
M - 07	1948 a 1975	20,... 1.300 (atual)	Cana-de-açúcar	-
M - 08	1950/67/74	50, 200, 150.	Café e Pecuária	-
M - 09	1955/55/76	95, 35, 104.	Granja e soja	1970/75
M - 10	1936/65/65	20, 20, 15.	Café	1975/76
M - 11	1946/48/64/74	76, 3, 10, 28.	Café	1970/72
M - 12	1970	23.	Café	1972
M - 13	1949/70/70	40, 29, 21	Café	1967
M - 14	1948/65/66	58, 10, 11.	Café	1967/76
M - 15	1974	31.	Café	1975

Fonte: Entrevistas orais, gravadas, realizadas com os proprietários rurais locadores da mão-de-obra no momento da pesquisa, dez./77.

Observa-se pela tabela 4 que o café predomina na maioria das propriedades, como atividade econômica inicial, sendo posteriormente substituído por outras culturas ou pecuária.

Por outro lado, quando se compara o ano de aquisição das propriedades com a proporção das propriedades mecanizadas em anos recentes, observa-se que esta é bastante considerável, principalmente a partir de 1975, quando se acentua o uso de trabalhadores rurais volantes.

A nível empírico, constitui este um dos principais fatores explicativos do aumento do número de trabalhadores rurais volantes.

Por outro lado, quando se observa pela tabela, a propriedade cuja referência é M-7\*, verifica-se que o proprietário só se dedica a cultura da cana de açúcar e expandiu sua área inicial. Atualmente a área total ocupada pela propriedade M-7, onde está localizada uma usina de açúcar, constitui-se em 1.600 alqueires, sendo que a parcela não constante na tabela refere-se a área arrendada.

A expansão da atividade açucareira significa diminuição de pequenas propriedades e, conseqüentemente, um número maior de trabalhadores rurais volantes assalariados.

---

\* A referência M-7 corresponde a entrevista oral, gravada, fornecida pelo sr.F.M., um dentre os 15 proprietários entrevistados.



Além do histórico das propriedades, foi pesquisado junto aos proprietários suas posições frente ao uso e aumento de trabalhadores rurais volantes.

A posição dos proprietários sobre o uso de trabalhadores rurais volantes está sintetizada nas palavras de um entrevistado.

"É melhor, porque se ele atende a pessoa, atende. Se não atende, chega de tarde, paga e fala: amanhã não precisa mais vim. E, esse negócio de tê família lá, você despachando tem tanta coisa. Vai pro sindicato, dá uma dor de cabeça. Vem promotor. Então quero acabar com isso"\*. .

Os proprietários vêem os trabalhadores rurais volantes como oportuno, na medida em que viabiliza um maior controle sobre o trabalhador, ao mesmo tempo em que isenta-os de ônus com obrigações trabalhistas.

A utilização do sistema de trabalho por empreitada é uma forma, bastante usual, que possibilita produtividade maior com rebaixamento salarial.

Por outro lado, questionados sobre o aumento do número de trabalhadores rurais volantes, o fator responsabilizado foi a atuação do "sindicato".

---

\* Informação fornecida através de entrevista oral, gravada, pelo sr. J.F. - referência M-8, um dentre os 15 proprietários entrevistados.

Conforme relata um entrevistado:

"Sei lá, ... isso aí foi dependente do governo, né. O governo lançou esse 'sindicato' e, esse 'sindicato' andou 'prejudicando' muitos proprietários e, é onde os proprietários foi soltando as família, né. Prefere pô máquina".\*

Observa-se que sindicado é sinônimo de Estatuto do trabalhador rural pois, os proprietários desconhecem o referido documento, em vista disso a atuação do sindicato passa a ser mencionada como principal fator responsável pelo aumento do número de trabalhadores rurais volantes.

O governo, na medida em que legislou as condições de trabalho no campo, através do Estatuto do trabalhador rural, em 1963, estipulando obrigações de ambas as partes, contribuiu para o aumento do número de trabalhadores rurais volantes.

Os mesmos, ao reivindicarem seus direitos, reclamando através dos sindicatos, ameaçam reduzir os lucros dos proprietários. Estes, por sua vez, responsabilizam o sindicato.

Portanto, a opção pela máquina é uma saída viável do ponto de vista do proprietário, corroborada a nível oficial através das facilidades de financiamento.

---

\* Informação fornecida através de entrevista oral, gravada, pelo sr. L.B. - referência V-11, um dentre os 15 proprietários entrevistados.

### CAPÍTULO III

#### CARACTERIZAÇÃO GERAL DA POPULAÇÃO

### 3.1. ESTRUTURA DA POPULAÇÃO

#### 3.1.1. DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA

É tendência comumente aceita a conformação da pirâmide de idade de uma população significar seu grau de desenvolvimento.

"Quanto mais ampla a pirâmide em suas bases, isto é, quanto maior a taxa de natalidade mais acentuado o grau de subdesenvolvimento dessa população"<sup>23</sup>.

Portanto, à medida que as populações avançam no seu grau de desenvolvimento, tendem ao equilíbrio de suas taxas de mortalidade e natalidade, ou seja: "à medida que avance a individualização, o processo e a civilização, a população humana tenderá a equilibrar-se"<sup>24</sup>.

O quadro teórico exposto é válido para o estudo de populações através de séries ou núcleos de populações estáveis. No entanto, mostra-se insuficiente para a análise da população sobre a qual foi centralizado o estudo.

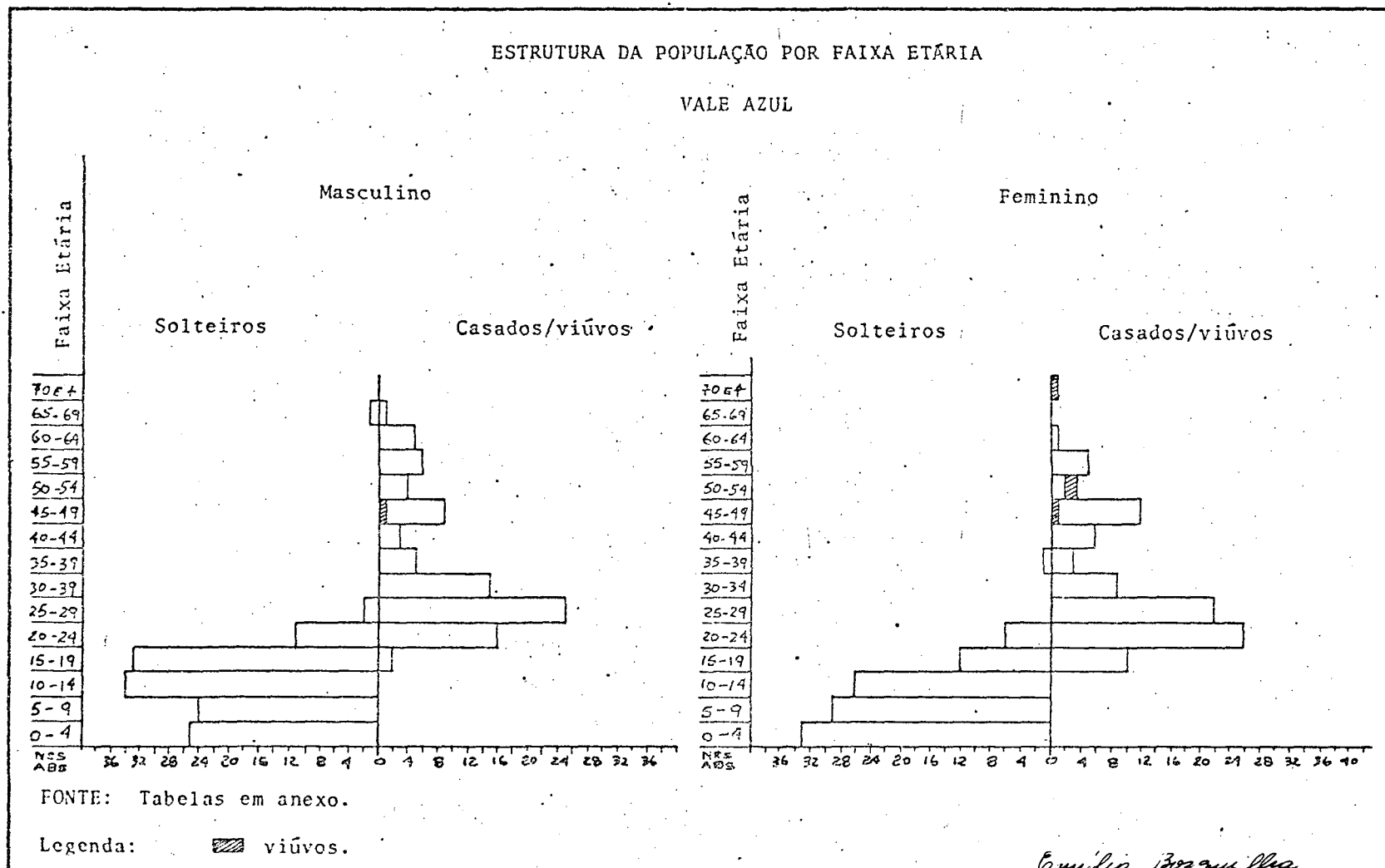
A população dos dois núcleos em relação à população mi<sup>g</sup>grante constituem-se predominantemente de nordestinos e sude<sup>s</sup>tin<sup>o</sup>s. O gráfico registra a estrutura da população:

---

<sup>23</sup>MARCÍLIO, Maria Luisa. Crescimento histórico da população brasileira. In: Crescimento populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento (fecundidade e migrações). São Paulo, Caderno CEBRAP. nº 16, 1973.

<sup>24</sup>HUBNER GALO, Jorge Ivan. O mito da explosão demográfica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

GRÁFICO 1



ESTRUTURA DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA E SEXO

GUADIANA


Masculino

Feminino

Solteiros Casados/viúvos

Solteiros Casados/viúvos

Fonte: Tabelas em anexo.

Legenda:  viúvos.

Emílio Rosquillo.

Emilio Rosquilla

Para a análise da estrutura da população, constatou-se a interferência de uma série de variáveis demográficas, ou seja: média de idade dos entrevistados em geral, número de mulheres em idade fértil e média de idade das mulheres em idade fértil. "Assim, a base da pirâmide não se apresenta suficientemente ampla, como é próprio das populações jovens, apesar da existência de elevadas taxas de natalidade"<sup>25</sup>.

Portanto, as variáveis demográficas que explicam a distribuição da população pelas faixas, são as seguintes: média de idade dos Trabalhadores Rurais Volantes entrevistados, média de idade das mulheres em idade fértil e percentual de mulheres em idade fértil.

No Vale Azul a idade média dos trabalhadores rurais volantes foi de 40.6. As mulheres em idade fértil constituem 75.8% da população e a média de idade das mulheres em idade fértil (15 a 49) foi de 32.4. Essas variáveis justificam a concentração menor de população nas faixas de 0 a 14 anos, sendo que a maior concentração da população registra-se nas faixas de 15 a 64 em decorrência da homogeneidade de idade dos entrevistados, principalmente, por constituir-se predominantemente de migrantes.

Em Guadiana a idade média dos Trabalhadores Rurais Volantes é de 39.1. As mulheres em idade fértil constituem 80% da população entrevistada e a idade média das mesmas é de 31.7.

---

<sup>25</sup>PILLATI BALHANA, Altiva, et alli. Campos Gerais estruturas agrárias. Curitiba, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 1968.

A população entrevistada em Guadiana é mais heterogênea. Constata-se a presença de entrevistados muito jovens e idosos, em decorrência, a distribuição da população ocorre em proporções diferentes do que no Vale Azul. Há uma concentração maior de população nas faixas de 0 a 14 anos, em relação ao Vale Azul, muito embora a maior concentração registre-se nas faixas de 15 a 49 anos. Nas faixas de 65 a mais o percentual é mais elevado em relação ao Vale Azul.

TABELA Nº 5

POPULAÇÃO TOTAL, DISTRIBUIÇÃO POR GRANDES GRUPOS DE IDADE, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

## Números Relativos

Faixas	Vale Azul %	Guadiana %
0 a 14	39.9	47.2
15 a 64	59.4	51.0
65 a +	0.7	1.8
Total	100.0	100.0

Fonte: Formulários aplicados a tabalhadore rurais vo  
lantes, janeiro/1977.

## 3.1.2. ESTADO CIVIL DA POPULAÇÃO

Em ambos os povoados os dados revelam casamentos precoces, principalmente para a população feminina, sendo alto o índice de casamentos na faixa de 15 a 19 anos.

Para o Vale Azul as faixas de casamentos é de 15 a 29 para o sexo masculino e de 15 a 24 para o sexo feminino.



Já em Guadiana as faixas se estendem de 20 a 34 para o sexo masculino e de 15 a 29 para o sexo feminino.

No Vale Azul revelam-se mais acentuados os padrões tradicionais de comportamento com casamentos mais jovens, enquanto que, em Guadiana a população denota perda de valores tradicionais e um comportamento mais integrado a padrões urbanos, com casamentos mais tardios. Os trabalhadores rurais volantes entrevistados estão assim distribuídos quanto ao estado civil e sexo.

TABELA Nº 6

ESTADO CIVIL E SEXO, POPULAÇÃO ENTREVISTADA, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

números absolutos

Estado Civil	<u>Vale Azul</u>		masc.	<u>Guadiana</u>		Total
	masc.	fem.		fem.		
Solteiros	3	1	3	-	7	
Casados	55	-	62	-	117	
Viúvos	-	1	-	3	4	
União Livre	1	-	4	-	5	
Separados	1	-	1	2	4	
Total	60	2	70	5	137	

Fonte: Formulário Trabalhadores Rurais Volantes, jan/77.

Os trabalhadores rurais volantes solteiros constituem-se geralmente, de filhos que assumiram a chefia da casa ante a morte do pai ou em casos de invalidez. Foi considerado chefe o filho que assumiu a responsabilidade econômica da casa, independentemente de idade.

Na categoria - viúvos - registram-se percentuais mais elevados para o sexo feminino, tanto no quadro geral de estrutura da população, quanto no total dos trabalhadores rurais volantes entrevistados.

Dos trabalhadores rurais volantes, correspondendo a 88.7% no Vale Azul e 82.6% em Guadiana registrou-se a modalidade de casamento, que assim se distribui:

TABELA Nº 7

MODALIDADE DE CASAMENTO DOS ENTREVISTADOS, POR NÚCLEO PO-  
PULACIONAL.

Modalidade	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs..	%	abs..	%	abs..	%
Civil/religioso	36	65.5	31	50.0	67	57.3
Só civil	15	27.3	24	38.7	39	33.3
Só religioso	4	7.2	7	11.3	11	9.4
Total	55	100.0	62	100.0	117	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

A maior incidência é para casamentos completos, isto é, no civil e religioso com 65.5% no Vale Azul e 50.0% em Guadiana.

Quanto às duas outras categorias foi registrado um dado interessante: o senso comum revela que populações en-  
quadradas em padrões tradicionais de comportamento são acen-  
tuadamente religiosas, no entanto, na análise dos dados verificou-se percentuais elevados de casamentos só no civil.

Procurando detectar fatores explicativos para esse comportamento concluiu-se que a menor utilização do casamento religioso decorre do ônus que o mesmo acarreta à família, ou seja, vestido de noiva, pagamento de taxa e a tradicional festa exigida.

Por outro lado, também o hábito de "fugir", muito usual entre noivos no meio rural, nem sempre está vinculado a não aceitação do casamento pelos pais. Normalmente é a saída que os noivos vêm, com a aquiescência dos pais, dado o baixo poder aquisitivo, para a diminuição das despesas com o casamento. Posto que, fugindo o casal, eliminam-se todas as despesas decorrentes do casamento religioso.

### 3.2. CONDIÇÕES HABITACIONAIS

A ausência de infra-estrutura urbana e as precárias condições de moradia encontradas nos núcleos populacionais, são produto da intensa urbanização desencadeada, principalmente a partir da década de 60, com a intensificação do êxodo rural.

Segundo Estatísticas Cadastrais do INCRA/74, os assalariados temporários no Paraná constituíam-se em 796.000, correspondendo a 49% da população rural.

Os dois núcleos populacionais foram considerados áreas urbanas com base em duas características apresentadas, ou seja:

- a) existência de malha urbana em toda extensão dos núcleos;
- b) obrigatoriedade de pagamento de Imposto Predial e Territorial Urbano através de Lei Municipal.

A população entrevistada, quanto a composição física do domicílio em relação ao número de cômodos e número de pessoas residentes, está assim distribuída:

TABELA Nº 8

COMPOSIÇÃO FÍSICA DO DOMICÍLIO EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE CÔMODOS E NÚMERO DE PESSOAS RESIDENTESNÚMEROS ABSOLUTOS

PESSOAS RESIDENTES											
CÔMODOS	2		3 a 5		6 a 8		9 a 11		+ de 12		TOTAL
	VA	G	VA	G	VA	G	VA	G	VA	G	
Apenas 1	1	1	5	9	3	5	1	2	-	1	27
2 a 3	4	2	11	15	5	6	1	4	1	-	49
4 a 5	2	2	14	9	4	13	6	5	1	-	56
6 a 7	-	-	1	-	2	1	-	-	1	-	5
TOTAL	6	5	31	33	14	25	8	11	3	1	137

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan/77.

TABELA Nº 9

## TIPO DE DOMICÍLIOS, POR NÚCLEO POPULACIONAL

Tipos de domicílios	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Casa	53	85.5	51	68.0	104	75.9
Quarto	8	12.9	18	24.0	26	18.9
Barraco	1	1.6	6	8.0	7	5.2
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes,  
Jan/77.

Os dados foram informados pelos entrevistados e confir  
mados através de observação direta.

Registrou-se, tanto para o Vale Azul como para Guadiana, predominância de casas. Os dados confirmam condições de moradias mais precárias para Guadiana, decrescendo o percentual de casas e elevando-se os percentuais de quarto e barraco.

Quanto à cobertura predominante nos domicílios, o percentual de casas com telhas foi de 91% no Vale Azul e 86% em Guadiana. A categoria capim/sapê foi de 5% no Vale Azul e 3% em Guadiana.

Na categoria diversos, agregaram-se todos os casos de utilização de materiais improvisados, ou seja, materiais impróprios: plásticos, encerado, lata, barro, arame, etc., e, em termos gerais, a utilização de materiais improvisados é empregada, em maior escala, em Guadiana.

No que se refere ao material empregado nas construções, no Vale Azul, predominam as casas de madeira com 96.8%. Já em Guadiana há diversificação maior e, em termos gerais, o padrão decresce destacando-se a categoria diversos com 12%, enquanto que no Vale Azul foi de apenas 3.2%.

Os tipos de piso encontrados nas casas foram: chão batido, assoalho, cimento e misto (emprego dos três anteriores). Chão batido ocupa 35.5% no Vale Azul e 38.6% em Guadiana. Em 2º lugar vem assoalho com 30.6% no Vale Azul e 25.3% em Guadiana. O material empregado em terceiro lugar é cimento com 16.1% no Vale Azul e 20% em Guadiana. Por último a categoria diversos com 17.8% no Vale Azul e 16.1 em Guadiana. Essa categoria refere-se ao emprego num mesmo piso dos materiais discriminados anteriormente, ou seja, chão batido, assoalho e cimento sendo a predominância, geralmente de chão batido, isto é, piso sem nenhuma benfeitoria.

Em relação às instalações sanitárias, 61.3% no Vale Azul e 80% em Guadiana dispõem de privada externa. Os demais não tem instalações sanitárias. Como os dois povoados são semi-abandonados pelas sedes municipais em que estão localizados, os terrenos baldios das redondezas estão com vegetação alta e são utilizados como depósitos de excremento da população. Alguns perfuram buracos improvizados, de pouca fundura, e os utilizam como sanitários.

Também em relação à abastecimento d'água não existe infraestrutura. As formas de abastecimento são as seguintes:

TABELA Nº 10

## ABASTECIMENTO D'ÁGUA, POR NÚCLEO POPULACIONAL

	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Poço	54	87.1	70	93.5	124	90.5
Mina	-	-	2	2.5	2	1.5
Não tem	8	12.9	3	4.0	11	8.0
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan/77.

Houve predominância de poços, tanto no Vale Azul como em Guadiana, muito embora 12.9 dos entrevistados do Vale Azul e 6.6% de Guadiana tenham inexistência de poços. Constatou-se que os mesmos, na maioria dos casos, utilizam água do poço do vizinho, ou mina d'água existente no local.

Quanto à composição física do domicílio registrou-se o número de cômodos e utilidade. Um dado que se observou foi a inexistência de banheiros na maioria das casas visitadas. Geralmente o recurso utilizado é a improvisação de de banheiro fora do corpo da casa, ou mesmo o uso de bacias. Portanto, quanto a condição de ocupação dos domicílios, a população está assim distribuída:



TABELA Nº 11

## CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO DOS DOMICÍLIOS, POR NÚCLEO POPULACIONAL

	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Próprio	23	37.1	30	40.0	53	38.7
Alugado	13	21.0	28	37.3	41	30.0
Cedido	25	41.9	17	22.7	43	31.3
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais vo  
lente, Jan/77.

Analisando o comportamento dos dados verifica-se que o percentual da categoria própria foi de 37.1% para Vale Azul e 40% para Guadiana, menor em relação a alugado e cedido.

Quanto aos domicílios alugados verificou-se que os aluguéis variam, dependendo das condições da casa, em torno de Cr\$ 50.00 a Cr\$ 350.00.

Os domicílios cedidos, no Vale Azul, são obtidos através de acordos com os proprietários em troca de prestação de serviços, que se resumem em tomar conta de outras propriedades, cultivar as terras em parceria, etc.

Em Guadiana, de umm modo geral, os domicílios cedidos constituem-se em propriedades abandonadas pelos legítimos donos, que as adquiriram no início, quando o planejamento visa a formação de uma cidade. Os proprietários ainda detêm a

posse legal e os trabalhadores rurais volantes residentes cuidam de mantê-las limpas do matagal que envolvem outras propriedades.

No Vale Azul, pela proximidade a um centro urbano mais desenvolvido e, em consequência, pela avalanche da especulação imobiliária, os terrenos são caros e pouco acessíveis ao poder aquisitivo dos trabalhadores rurais volantes. Em decorrência, a população lá residente é mais estável. O preço médio dos terrenos, na época da realização da pesquisa, variando pela localização, estava em torno de Cr\$ 20.000,00.

Já em Guadiana, pela localização e outros fatores referidos no histórico, os terrenos na época da realização da pesquisa custavam em média Cr\$ 3.500,00, portanto, de mais fácil aquisição pelos trabalhadores rurais volantes. Em visita ao povoado em dezembro de 1977, constatamos a presença de 10 novas famílias provenientes de Maringá, onde eram moradores de uma favela, da qual foram despejados. É interessante observar que o próprio caminhão da Prefeitura Municipal de Maringá transportou a mudança dos favelados para Guadiana. Cinco famílias adquiriram propriedades e as demais passaram a morar juntos.

Desta forma pode-se observar que Guadiana, pelas suas características gerais, tem facilitado a chefes executivos de Municípios vizinhos, resolverem, de forma simplista, os problemas de habitação de populações de suas responsabilidades.

### 3.3. CONDIÇÕES GERAIS DE RENDIMENTOS E DESPESAS DOS TRABALHADORES RURAIS VOLANTES

"A proporção da renda real de "bóia-fria" em relação à renda salário-mínimo, fixada pelo Governo Federal, é bastante reveladora das inferiores condições de vida desta população"<sup>26</sup>.

As condições de miséria vivenciadas pelas populações dos dois povoados objeto da pesquisa são visíveis quando se analisamos rendimentos mensais e sua relação com a sazonalidade do trabalho.

Os trabalhadores rurais volantes do Vale Azul estão mais restritos às atividades de mão-de-obra exigidas à cultura do soja, (a mão-de-obra no trigo é insignificante) o que corresponde a 4 meses anuais de trabalho.

Os rendimentos obtidos nesses meses do ano, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, são carregados para despesas dos meses sem trabalho. Nos oito meses restantes o trabalho é inseguro e esporádico. Os trabalhadores rurais volantes chegam a ficar meses a fio sem nenhum serviço.

Os trabalhadores rurais volantes de Guadiana exercem atividades em área geográfica de âmbito maior e com diversificação da cultura. Muitas vezes são levados a trabalhar

---

<sup>26</sup>MELLO, p.88.

em propriedades no Centro Oeste do Estado, onde predominam as culturas de cereais em escala comercial. Isto implica em sazonalidade menor - mais tempo trabalhando - portanto, possibilidades de salários, em cômputo geral, mais elevados.

Os questionários foram aplicados nos meses de janeiro e fevereiro que, em geral, os trabalhadores rurais volantes têm trabalho permanente, muito embora estes sejam os meses de maior índice de precipitação pluviométrica, acarretando em semanas sem condições de trabalho..

#### TABELA Nº 12

RENDAS, DESPESAS E NÚMERO DE RESIDENTES, POR NÚCLEO POPULACIONAL - Médias

NÚCLEOS	Média de residentes por família	Média de despesas com alimentação	Média de Renda
Vale Azul	5.6	Cr\$ 762.50	Cr\$ 1.015.00
Guadiana	5.3	Cr\$ 753.17	Cr\$ 1.122.00

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan/77.

A renda média por família no Vale Azul, foi obtida, considerando 36 respostas dos 62 entrevistados constituindo-se em Cr\$ 1.015.00. Em Guadiana a média obtida, considerando 51 respostas dos 75 entrevistados, foi de Cr\$ 1.122.00.

Observa-se que as médias obtidas foram baixas considerando dois fatores:

- a) a média de trabalhadores rurais volantes por família é de 1.9 para o Vale Azul e 2.1 para Guadiana;

b) as despesas tem relação direta com a renda, uma vez que os trabalhadores rurais volantes efetuam as compras semanais após recebimento da renda semanal.

No questionário foram levantadas as informações de renda diária e, com a soma das informações de renda diária obteve-se a média de Cr\$ 40.70 para o Vale Azul, o que equivale a um salário mensal de Cr\$ 1.058.20, por trabalhador. Em Guadiana obteve-se a média diária de Cr\$ 39.24, o que equivale a um salário mensal de Cr\$ 1.020.24, por trabalhador.

Considerando que no Vale Azul a média de trabalhadores rurais volantes por família foi de 1.9 e que a média de renda mensal por trabalhadores foi de Cr\$ 1.058.20, teríamos uma renda mensal média por família de Cr\$ 2.010.58.

Em Guadiana a média de trabalhadores rurais volantes por família foi de 2.1 e a renda média mensal por trabalhadores foi de Cr\$ 1.020.24 por trabalhador, portanto, teríamos uma renda mensal média de Cr\$ 2.142.50.

Estes cálculos foram efetuados baseados na hipótese do trabalhador rural volante trabalhar nos 26 dias úteis do mês. Observa-se, então, que as chuvas, no caso específico, acarretaram prejuízos grandes aos trabalhadores rurais volantes suprimindo seus salários em 50%. A problemática se torna mais séria na medida em que estes são os meses em que os trabalhadores rurais volantes obtêm rendas mais elevadas as quais são carregadas para os meses sem trabalho.

A renda diária corrente na região, na época em que foram realizadas as entrevistas, variava em torno de Cr\$ 25.00 a Cr\$ 50.00 por dia. Os aumentos eram efetuados de Cr\$ 5.00 em Cr\$ 5.00.

Os mecanismos de elevação dos salários estão diretamente vinculados à mão-de-obra disponível e o montante de trabalho a ser realizado.

Por outro lado a variável - preço dos produtos no mercado - pressiona no sentido de urgência a se executar o trabalho. (a exemplo do que tem ocorrido com o mercado do soja que, ao iniciar-se a colheita, os preços estão altos e decaem progressivamente quase ao mínimo garantido pelo governo).

"Os proprietários tem necessidade de colher rapidamente seus produtos e colocá-los no mercado"<sup>27</sup>.

Um mecanismo bastante difundido de pressionar os salários nos momentos de "picos" das atividades sazonais da agricultura é "o sistema de empreitada - trabalho por tarefa, que permite obter força de trabalho necessária a preços baixos mesmo nos momentos em que a procura de trabalhadores está elevada"<sup>28</sup>.

### 3.4. ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

No meio rural, principalmente em dias atuais, "a escolarização representa um conjunto de sacrifícios por parte do aluno e seus familiares e eles o suportam sob coerção de normas derivadas da valorização do esforço pelo esforço". O tempo que se permanece na escola é um tempo de adestramento no trabalho pelo trabalho."<sup>29</sup>

Os fundamentos teóricos à análise deste item devem ser buscados para dois momentos: o valor da escola para os dependentes dos trabalhadores rurais volantes e o valor da escola para os trabalhadores rurais volantes.

Como refere-se José de Souza Martins, em artigo citado, "o tempo que se permanece na escola é um tempo de adestramento no trabalho pelo trabalho".

No decorrer da aplicação dos questionários ficaram visíveis as preocupações dos pais com a escolarização dos filhos. Essa mudança operada na mentalidade do agricultor se dá em função das transformações sociais ocorridas na agricultura brasileira e que o tem atingido em seu "habitat".

---

<sup>29</sup>SOUZA MARTINS, José de. Capitalismo e tradicionalismo. São Paulo, Pioneira, 1975. p.89.

Antigamente, ligado à terra, na condição de pequeno proprietário, arrendatário, parceiro, etc., a escolarização não assumia caráter preponderante em sua escala de valores.

Hoje, por mais ingênua que seja sua visão de mundo, o agricultor já não consegue visualizar o campo como forma de subsistência para seus filhos. Daí estar preocupado com o estudo dos filhos.

Por outro lado, constata-se aí uma contradição: ao mesmo tempo em que sente necessidade de mandar os filhos à escola, necessita de força de trabalho desse mesmo filho para aumentar seu "mirrado" orçamento doméstico. Ainda, somam-se a esse fator as disponibilidades de vagas nas escolas que nem sempre atendem a demanda.

Para um demonstrativo do grau de escolarização da população dos dois povoados entrevistados montamos um quadro dos percentuais da população total a partir das faixas de 07 a 64 anos. Suprimiu-se a faixa 0 a 7 por não ser considerada idade escolar e a faixa 65 a + pela insignificância dentro do global.

Está assim distribuído o grau de escolaridade da população, nas faixas 07 a 64 anos, distinguindo-se por sexo:



TABELA Nº 13

GRAU DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO, POR SEXO  
POPULAÇÃO DE 07 A 64 ANOS - NÚMEROS RELATIVOS

ESCOLARIDADE	VALE AZUL			GUADIANA			TOTAL GERAL
	MASCULINO	FEMININO	SUB-TOTAL	MASCULINO	FEMININO	SUB-TOTAL	
Analfabeto	8.7	23.6	15.6	25.4	29.7	27.6	21.6
Alfabetizado não formal	7.6	1.9	4.9	8.3	2.3	5.2	5.1
Mobral	4.9	1.9	3.5	2.4	1.1	1.7	2.6
Primário incompleto	55.1	56.5	55.8	49.7	58.9	54.4	55.1
Primário completo	16.2	11.2	13.9	11.2	6.8	9.0	11.4
Ginásio incompleto	6.5	4.9	5.8	3.0	0.6	1.8	3.8
Ginásio completo	1.0	-	0.5	-	0.6	0.3	0.4
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Participação no total da População	82.9	78.1	80.6	76.5	78.5	77.5	79.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

As categorias adotadas foram definidas após sondagem inicial. Entende-se, aqui, por alfabetizado não formal o indivíduo que teve aprendizado elementar, lê e escreve, sem frequentar escola, ou seja, por esforço próprio; aprendeu sozinho ou ajudado por amigos e, muitas vezes, pela própria mulher.

No Vale Azul, a população masculina não apresentou analfabetos nas faixas de 7 a 14 anos. Na população feminina registraram-se 3.8% de analfabetos.

Já em Guadiana a população masculina, na referida faixa, apresentou 10.8% de analfabetos e a feminina 9.2%.

Observou-se que a concentração ocorre nas categorias primário incompleto e analfabeto, seguindo-se em terceiro lugar a categoria primário completo.\*

A categoria alfabetizado não formal mostra-se acentuadamente mais alta para o sexo masculino. Isso ocorre, principalmente, pela inclusão dos trabalhadores rurais volantes mais idosos, cujas dificuldades de escolarização eram maiores pelas limitações do tipo: ausência de escolas rurais, distância, necessidade de trabalhar, etc.

Por outro lado, pela estrutura social, caracteristicamente patriarcal, é o homem quem resolve tudo e, em consequência, quem se vê na contingência de escolarizar-se "pro gasto", como referem.

\* Na categoria primário incompleto predominam os casos de apenas um ano de frequência escolar.

Os percentuais são mais significativos no quadro abaixo onde estão registrados o grau de escolarização dos trabalhadores rurais volantes entrevistados.

TABELA Nº 14

GRAU DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

Escolaridade	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Analfabeto	12	19.3	23	30.7	35	25.5
Alfabetizado n/formal	15	24.2	14	18.7	29	21.2
Mobral	2	3.2	4	5.3	6	4.4
Primário incompleto	24	38.7	26	34.7	50	36.5
Primário completo	6	9.7	7	9.3	13	9.5
Ginásio incompleto	2	3.2	1	1.3	3	2.2
Ginásio completo	1	1.7	-	-	1	0.7
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, janeiro de 1977.

Observa-se que quando as informações são desagregadas, para os trabalhadores rurais volantes entrevistados, as concentrações se fazem em outras categorias, muito embora a categoria primário incompleto continue em preponderância.

No Vale Azul a categoria alfabetizado não formal vem em 2º lugar com 24.2% e em seguida analfabetos com 19.3%.

Em Guadiana a categoria analfabeto vem em 2º lugar com 30.7% e em seguida a alfabetizado não formal com 18.7%. Observa-se que a incidência de analfabetos é mais alta neste povoado.

Os percentuais registrados nas três últimas categorias se devem à entrada de trabalhadores rurais volantes jovens, entre os entrevistados.

## CAPÍTULO IV

### NATURALIDADE E MOVIMENTO MIGRATÓRIO DA POPULAÇÃO.

4.1. POPULAÇÃO TOTAL ENTREVISTADA - MIGRANTES E  
NATURAIS DO ESTADO.

O processo migratório rural/urbano a partir da década de 60, com características comuns a toda América Latina, assume formas diversificadas.

A urbanização intensifica-se nas cidades grandes, porte médio, bem como vilas e povoados. Por outro lado, núcleos populacionais, quase inexistentes a nível oficial, emergem do anonimato dado o afluxo de migrantes.

A população migra obedecendo a um círculo vicioso, geralmente, no sentido rural/urbano e urbano/urbano, dado que as perspectivas de fixação de residência no campo tornam-se a cada dia mais remotas.

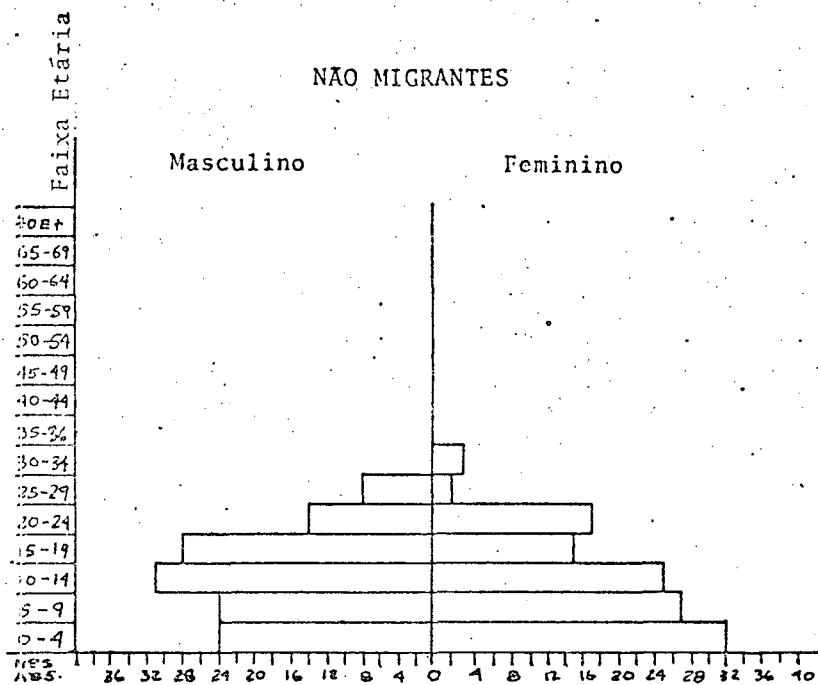
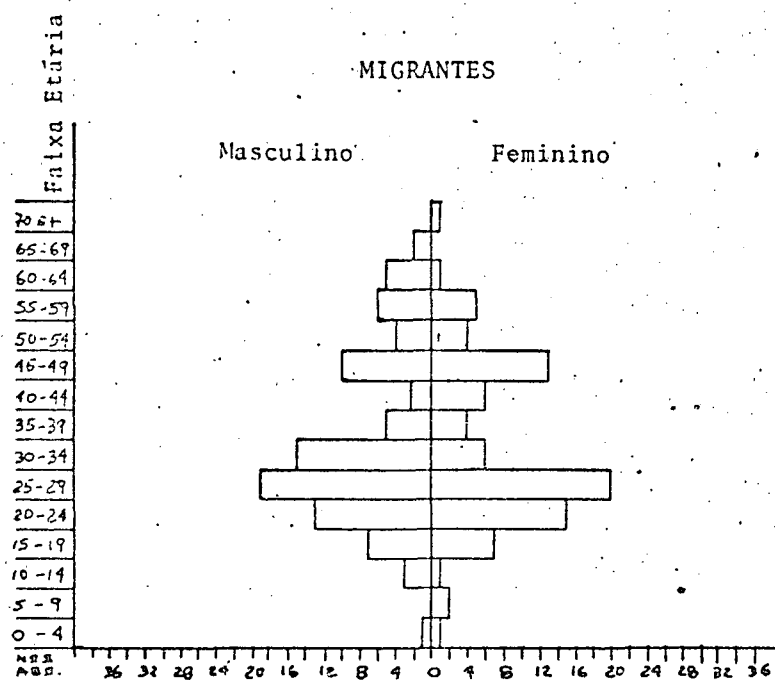
Para a análise da população dos dois núcleos populacionais procedeu-se à tabulação, distinguindo os migrantes e naturais, distribuindo-se da seguinte maneira:

GRÁFICO 3

POPULAÇÃO TOTAL, POR FAIXA ETÁRIA E SEXO, DIFERENCIANDO

MIGRANTES E NÃO MIGRANTES

VALE AZUL

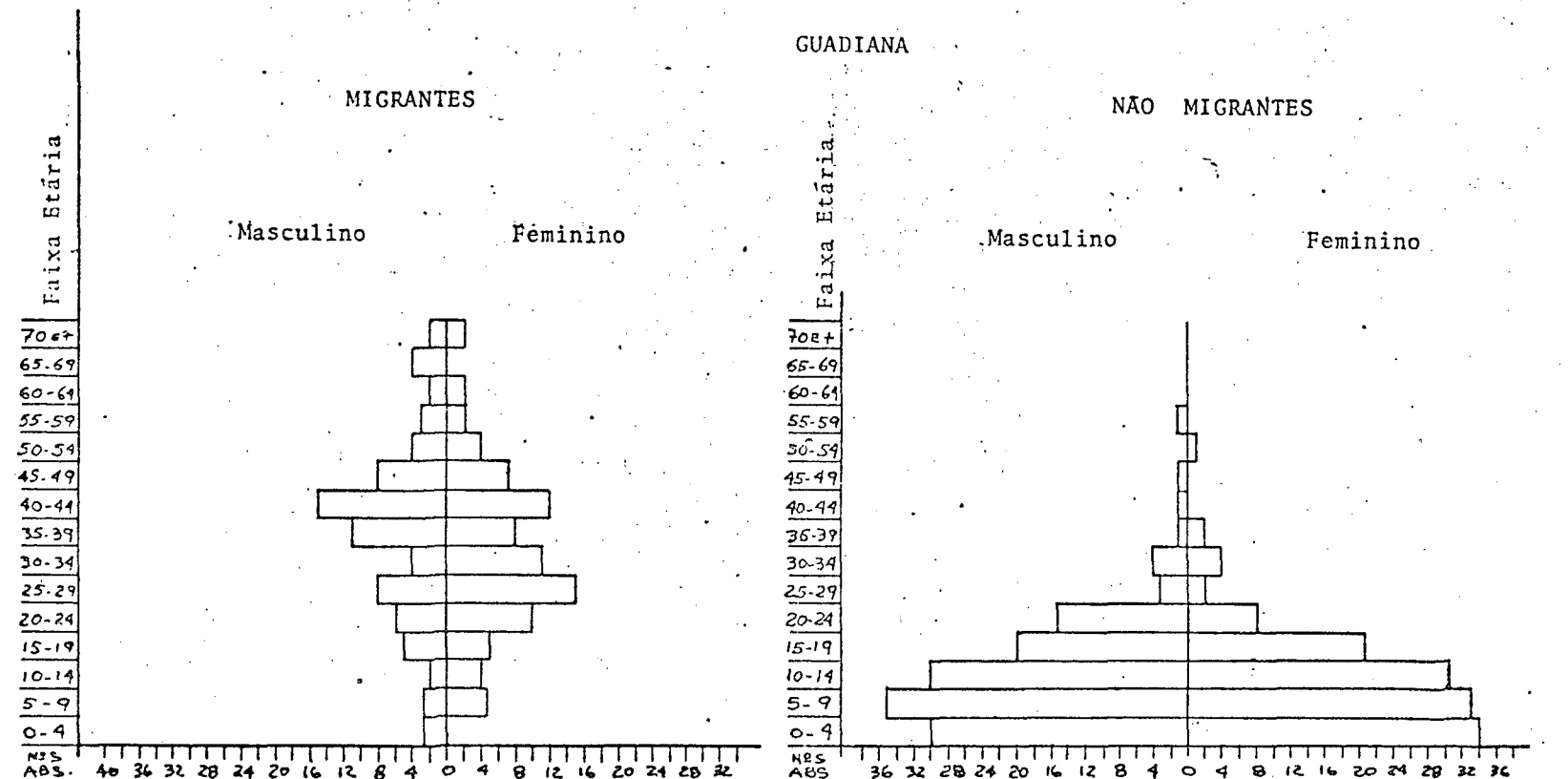


FONTE: Tabela em anexo.

Emílio Rosquillo

GRÁFICO 4

POPULAÇÃO TOTAL, POR FAIXA ETÁRIA E SEXO, DIFERENCIANDO  
MIGRANTES E NÃO MIGRANTES



FONTE: Tabela em anexo.

*Emílio Borquilha*



TABELA Nº 15

NATURAIS E MIGRANTES, POPULAÇÃO TOTAL, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

Condição	Vale Azul		Guadiana	
	abs.	%	abs.	%
Naturais	250	58.2	277	62.3
Migrantes	179	41.8	167	37.7
Total	429	100.0	444	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Janeiro de 1977.

No Vale Azul a participação do migrante ocorre em escala maior, constituindo-se, a população, em 58.2% de naturais e 41.8% de migrantes.

A visualização do gráfico permite inferir migrações recentes - provavelmente em decorrência de secas no Nordeste - pela presença de migrantes em todas as faixas etárias, tanto masculinos como femininos.

Por outro lado os naturais, tanto do sexo masculino como do sexo feminino são encontrados nas faixas de 0 a 34 anos, o que faz pressupor a presença insignificante, na totalidade dos entrevistados, de trabalhadores rurais volantes chefes, naturais do Estado.

Em Guadiana uma tendência verificada nos levantamentos preliminares confirma-se e a presença de naturais apresenta-se ligeiramente superior, constituindo-se a população em 62.3% de naturais e 37.7% de migrantes.

#### 4.2. NATURALIDADE DOS TRABALHADORES RURAIS VOLANTES ENTREVISTADOS.

Para melhor compreensão do gráfico faz-se necessário um demonstrativo da naturalidade dos trabalhadores rurais volantes. Entende-se por naturalidade o local de nascimento do entrevistado. O quadro foi montado agrupando os Estados de origem por regiões.

TABELA Nº16

NATURALIDADE DOS ENTREVISTADOS, POR REGIÕES DO PAÍS.

Regiões	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Sul	6	9.7	16	21.3	22	16.0
Sudeste	38	61.3	38	50.7	76	55.4
Nordeste	18	29.0	20	26.7	38	27.8
Outras Regiões	-	-	1	1.3	1	0.8
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes,  
Janeiro de 1977.

Os percentuais de participação da Região Sul nos dois núcleos populacionais constituem-se em parcela maior de migrantes naturais do Estado,\* ou seja, 8% e Santa Catarina parti-

\* São os migrantes internos que circulam dentro do Estado, de um município a outro, conforme exigência de mão-de-obra.

icipando com 1.7% no Vale Azul e, em Guadiana o Paraná predomina com 21.3%.

O maior contingente populacional registrado é proveniente da Região Sudeste com participações significativas dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. No Vale Azul 19.3% dos entrevistados são naturais do Estado de São Paulo, 40% são naturais do Estado de Minas Gerais e 1.7% são naturais do Espírito Santo. E, em Guadiana, registra-se 24% do Estado de São Paulo e 26.7% do Estado de Minas Gerais.

A participação do Nordeste faz-se representar através dos Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Ceará no Vale Azul, destacando-se a Bahia com 9.7% e Sergipe com 9.7%, os demais com percentuais menos significativos.

Em Guadiana o Nordeste faz-se presente através dos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Ceará, destacando-se a Bahia com 5.3%, os demais com frequências pouco significativas.

#### 4.3. MIGRAÇÃO PARA O PARANÁ: CRONOLOGIA E FATORES

A distribuição da população pelas faixas etárias, segundo a naturalidade, tem relação com o tempo de residência dos entrevistados no Estado.

A ocupação econômica teve início da década de 30, cujos fatores foram enunciados em capítulos anteriores.

A informação foi obtida através de uma pergunta do questionário - Há quanto tempo mora no Paraná - permitindo a montagem do quadro abaixo:

TABELA Nº 17

PERÍODO DE MIGRAÇÃO PARA O PARANÁ, POR NÚCLEO POPULACIONAL

números relativos

	Vale Azul	Guadiana	Total
1937 a 1946	14.6	20.0	17.5
1947 a 1956	40.4	36.0	38.0
1957 a 1966	37.0	29.3	32.9
1967 a 1977	8.0	14.7	11.6
Total	100.0	100.0	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Janeiro de 1977.

Evidencia-se, pelos dados, no período 1937/46, que a frequência de população correspondendo à fase inicial de colonização da região Norte do Estado\* é pouco significativa.

As maiores frequências registram-se nos períodos 1947/56, correspondendo à fase de ocupação da Região "Norte Novo", o que não elimina a hipótese de migração intra-estadual. Ressalte-se que 1947 é o ano de fundação de Maringá.

É bastante significativo, também, o percentual registrado para o período 1957/66, período este, em que acentua-se o avanço capitalista no campo, no Estado de São Paulo, principalmente.

Considerando a participação por Estados e o período de migração para o Paraná, o afluxo de migrantes decorre dos seguintes fatores:

- a) Transformações da agricultura nos Estados de São Paulo e Minas Gerais;
- b) Secas prolongadas no nordeste;
- c) Colonização da Região Norte Paranaense.

A política intervencionista na agricultura, gera afluxo de população do Estado de São Paulo para o Paraná, dado à proibição de plantio do café.

---

\* A ocupação teve início pela região "Norte Velho".

Ainda, a modernização da agricultura paulista, através da "introdução de máquinas de vários tipos, aplicação de técnicas de produção mais modernas, e a transferência de parte das áreas com lavouras em pastagens"<sup>30</sup> libera mão de obra que desloca-se para o Paraná.

A grande participação do Estado de Minas Gerais na composição da população migrante também é atribuída à substituição das áreas ocupadas por lavouras, em áreas ocupadas por pecuária. Na Região Sul de Minas concentram-se as cidades de origem dos migrantes.

Por outro lado, a participação dos Estados do Nordeste na composição da população migrante justifica-se, principalmente, pelos problemas decorrentes das formas de apropriação da terra, acrescido das dificuldades enfrentadas com as secas periódicas.

"As relações sociais geradas pelas formas de apropriação da terra limitam fortemente as possibilidades de desenvolvimento daquelas famílias, compreendidas nas categorias de pequenos produtores, parceiros e assalariados"<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> GASQUES, José Garcia e VALENTINI, Rubens. Relações estruturais da oferta e demanda de volante no Estado de São Paulo. Botucatu, F.C.M.B., 1975.

<sup>31</sup> FIGUEROA, Manoel. O problema agrário no Nordeste do Brasil. São Paulo, Ilúcitec, 1977.

Um estudo sobre a "História das secas" de T.P.Sobrinho citado por Manoel Figueroa em O problema agrário no Nordeste do Brasil, registra os seguintes anos de secas no Nordeste, no período em que se estuda: 1931/32, 1942. 1951/53, 1958, 1970<sup>32</sup>.

Por último, ressalta-se que a forma de colonização da região norte paranaense, através da divisão das propriedades em pequeno e médias, concorreu facilitando a fixação da população migrante.

#### 4.3.1. PERÍODO DE MIGRAÇÃO PARA O MUNICÍPIO

Esta informação foi obtida através das respostas a uma pergunta do formulário - Há quanto tempo mora no Município - permitindo a montagem da tabela abaixo:

TABELA Nº 18

PERÍODO DE MIGRAÇÃO PARA O MUNICÍPIO, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

Período	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Antes de 1957	1	1.6	4	5.3	5	3.7
De 1957 a 66	12	19.4	17	22.7	29	21.3
De 1967 a 1977	49	79.0	54	72.0	103	75.0
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Janeiro de 1977.

<sup>32</sup> FIGUEROA, p.68.

Esta tabela fornece o dado - tempo de residência no Municipio independente do número de mudanças efetuadas pelos entrevistados.

A desagregação desta informação, fornecida no questionário, permite a afirmação de que os trabalhadores rurais volantes, objeto da pesquisa, circulam, dentro do Município ou Estado, em sentido rural/urbano-rural, com tendência a urbano/urbano, uma vez que as possibilidades de fixação na zona rural se tornam a cada dia mais remotas.

O percentual de migrantes mais antigos é mais elevado em Guadiana; justifica-se em função de ter sido, este povoado, fundado há aproximadamente 30 anos. Muitos dos migrantes, proprietários de casas, no núcleo populacional, nos períodos de entre-safra na região, deslocam-se para municípios distantes, executando serviços em regime de empreitada, na condição de "itinerante"<sup>33</sup>. Terminado o serviço, regressam a suas casas. Essa ocorrência, conforme dados registrados, é muito comum em época de colheita de algodão.

---

<sup>33</sup> GONZALES & BASTOS, p.3.



#### 4.4. AS CINCO ÚLTIMAS MOBILIDADES MIGRATÓRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS VOLANTES.

Foram pesquisadas as cinco últimas mobilidades migratórias do entrevistado, vinculando-se à posição na ocupação.

O quadro se refere ao tempo de residência do trabalhador rural volante entrevistado no local onde foram realizadas as entrevistas, isto é, Vale Azul e Guadiana, que foram consideradas áreas urbanas, com base nos dois itens:

- a) Existência de malha urbana;
- b) Pagamento de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

Segundo afirma Eunice R. Durhan, em obra citada, "a urbanização recente do país não corresponde apenas ao aumento das cidades, mas à criação de um novo tipo de cidade"<sup>34</sup>.

Quanto ao tempo de residência nos núcleos populacionais, os trabalhadores rurais volantes entrevistados, estão assim distribuídos:

---

<sup>34</sup>  
DURHAN, Eunice R. A caminho da cidade. São Paulo,

TABELA Nº 19

TEMPO DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS, NO LOCAL, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
-de 1 ano	12	19.4	20	26.7	32	23.3
1 ano	10	16.1	17	22.7	27	19.7
2 a 5 anos	26	41.9	15	20.0	41	30.0
6 a 10 anos	12	19.4	12	16.0	24	17.5
+ de 10 anos	2	3.2	11	14.6	13	9.5
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan/77.

Pelos percentuais registrados observa-se que a mobilidade da população é alta e corrobora afirmação anterior de que Guadiana apresenta mobilidade migratória mais intensa.

Um outro dado que se observa é que o percentual mais baixo corresponde ao tempo de residência de faixa mais de 10 anos, confirmando o acelerado processo de urbanização da população rural da região nos últimos 10 anos.

As frequências, na faixa de 2 a 5 anos de residência, registram-se as mais altas em consequência das substituições do café por culturas de soja e trigo, mecanizadas, que se tem acentuado, a partir de 72, acelerando-se com a chegada de 75.

#### 4.4.1 . POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO NAS QUATRO ÚLTIMAS MOBILIDADES

No quadro anterior registra-se o tempo de residência no local da entrevista, onde o critério base para a aplicação do formulário foi - chefes de família cuja posição na ocupação fosse trabalhador rural volante. As informações coletadas foram as seguintes:

- a) Município em que residia;
- b) Rural ou urbano;
- c) Atividade;
- d) Posição na ocupação;
- e) Tempo de residência;

Quanto aos Municípios em que residiam os trabalhadores rurais volantes, nas quatro últimas mobilidades, procedeu-se à tabulação, porém, não se registrando frequências consideráveis e dado não será trabalhado.

O que se verificou foi a predominância de mobilidades intra-estaduais, sendo insignificantes as mobilidades inter-estaduais.

Em relação ao local de residência - rural ou urbano - a conceituação adotada já pressupõe residência urbana para o trabalhador rural volante no local da entrevista, Vale Azul e Guadiana.

Há que comentar, neste item, a categoria Outro do quadro, onde foram englobados os casos de residência em área urbana e exercício de atividades diversas, tais como: pedreiro, construtor, sorveteiro, comerciário, etc.

As categorias parceiro, colono e proprietário, como posição na ocupação, restringiam-se as atividades rurais, com residências fixas na zona rural.

Condensaram-se as informações num mesmo quadro para melhor visualização do processo. Foi considerada como 5ª mobilidade migratória o local da entrevista e assim sucessivamente.

TABELA Nº 20

MOBILIDADE MIGRATÓRIA VINCULADA À POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO, POR NÚCLEO POPULACIONAL.

números relativos

Posição na Ocupação	Vale Azul				Guadiana			
	4º	3º	2º	1º	4º	3º	2º	1º
Volante	30.7	31.7	25.0	27.0	60.0	35.0	61.5	50.0
Parceiro	37.0	38.3	26.7	27.0	24.0	28.0	15.4	21.5
Colono	1.6	6.7	15.0	13.4	1.3	-	4.6	6.5
Proprietário	4.9	5.0	13.3	3.8	-	1.4	1.5	3.5
Outro	25.8	18.3	20.0	28.8	14.7	17.6	17.0	18.5
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Percentual

Correspondente	100.0	96.7	96.7	83.8	100.0	90.0	86.6	80.0
----------------	-------	------	------	------	-------	------	------	------

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes

Jan/77.

Verificou-se pelo quadro que uma parcela da população não efetuou as três últimas mobilidades, correspondendo, essa parcela, aos chefes de família, trabalhadores rurais volantes jovens, com idade em torno de 20 anos.

À população do Vale Azul foi assegurada participação maior nas diversas categorias. Os percentuais da categoria Volante não se destacam, registrando-se chances maiores como Parceiro ou colono.

Em Guadiana, onde se observa migrações mais constantes, a categoria Volante ocupa em todas as mobilidades os mais altos percentuais.

A categoria colono eleva-se à medida que se faz o trajeto da 4ª à 1ª mobilidade. A tendência se dá para o Vale Azul e Guadiana e se justifica em decorrência do recuo no tempo, quando as possibilidades da categoria colono são maiores.

A categoria Outro ocupa percentuais elevados, correspondendo às atividades exercidas pelos trabalhadores rurais volantes na zona urbana em período de entre-safra.

#### 4.5. MOBILIDADES DE TRABALHO NO ÚLTIMO MÊS

O trabalhador rural volante "não é registrado em carteira, mas contratado por dia, tarefa ou empreitada".<sup>35</sup> portanto, caracteriza-se por uma elevada mobilidade mensal, em termos de local de trabalho.

Por outro lado, a ausência de vínculo trabalhista permite que o trabalhador rural volante, nos momentos de "picos" de trabalho, desfrute do melhor preço do mercado, isto é, trabalhe para o intermediário que ofereça melhor salário.

"No entanto, é em função de problemas decorrentes da migração constante de trabalhadores que se coloca a necessidade de formação de 'turmas firmes'. São os trabalhadores 'volantes', arregimentados por 'turmeiros' no regime de empreitada, igualmente sem acesso a qualquer direito, mas que trabalham durante todo o ano com o mesmo 'turmeiro' e para o mesmo proprietário".<sup>36</sup>

Ressalte-se, porém, que essa mesma oscilação de mão de obra permite que o intermediário selecione os mais fortes, os que apresentam maior rendimento no trabalho, em 'turmas firmes', com os quais passam a trabalhar. As distinções mencionadas por Leila Stein foram encontradas junto a população pesquisada.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup>JORDÃO NETO, p.10

<sup>36</sup>STEIN, p.76

<sup>37</sup>Idem, p.76

A "turma firme" encontrada, trabalhadores de uma usina de açúcar, trata-se, na realidade, de uma falsa "turma firme" pois o "empreiteiro" nega o que os trabalhadores afirmam.

Citamos como exemplo o caso de um trabalhador que afirmou trabalhar na usina há um ano e 4 meses e, quando se procurou confirmar o fato com o empreiteiro, o mesmo o negou. Justifica-se tal comportamento pela ilegalidade da relação de trabalho e receio a represálias.

O número e lugares em que trabalharam os entrevistados no mês anterior à realização da pesquisa está registrado no quadro abaixo:

TABELA Nº 21

## LUGARES DE TRABALHO NO MÊS, POR NÚCLEO POPULACIONAL

Números	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Apenas 1 lugar	19	30.6	18	24.0	37	27.0
2 a 3 lugares	28	45.2	33	44.0	61	44.5
4 a 5 lugares	11	17.7	13	17.4	24	17.5
6 a 10 lugares	4	6.5	4	5.3	8	5.9
Não sabe	-	-	7	9.3	7	5.1
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan/77.

Em função do conceito adotado, contratado por tempo sempre inferior a um ano, dos que trabalharam em apenas um lugar

foi registrado o tempo, sendo excluídos os que trabalhavam há um ano ou mais.

O fato de, no Vale Azul, apenas um lugar ter registrado 30.6 dos trabalhadores, parece acidental e não caso de "turma firme", uma vez que a frequência de respostas não se concentram em atividades numa mesma propriedade.

Para Guadiana, os 24% que declararam trabalhar em apenas um lugar, parece ter conotação de turma firme, uma vez que a frequência de respostas para uma mesma propriedade foi alta.

O percentual mais alto registrou-se para 2 a 3 lugares, sendo para o Vale Azul 45.2% e para Guadiana 44%. Isto implica em que o trabalhador, se encontrar "serviço"\* o mês inteiro, trabalhe 10 a 15 dias em cada propriedade.

O clima de insegurança e instabilidade em relação ao trabalho transparece no correr das entrevistas, nas perguntas abertas, ou mesmo fluem naturalmente dos entrevistados.

---

\* Forma de expressão utilizada pelo trabalhador.



## CAPÍTULO V

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TRABALHADORES  
RURAIS VOLANTES.

### 5.1. DESAGREGAÇÃO ENQUANTO UNIDADE FAMILIAR PARA A PRODUÇÃO

"A relação volante foi antecedida por formas diversas de parceria e pelo colonato"<sup>38</sup>, formas estas que pressupunham a unidade familiar para a produção.

No caso do colonato, a distribuição da quantidade de terras ou "pés de café", para um colono estava diretamente vinculada ao número de membros da família economicamente ativa.\*

Da mesma forma, as relações de trabalho na parceria mantêm características, semelhantes, na medida em que todos os membros da família contribuem com fins a uma maior produção, uma vez que resulta numa maior parcela destinada à família.

Nestas relações de trabalho, os trabalhadores se mantêm vinculados à terra e a unidade familiar é preservada na prática, contribuindo para a manutenção dos costumes e tradições rurais.

A divisão de trabalho se faz dentro da unidade de produção e a unidade familiar é uma necessidade para a produção.

---

<sup>38</sup>STEIN, p.72

\* Ressalte-se que idade economicamente ativa, no caso, inclui crianças de 7 anos ou até menos, ajudando em trabalhos diversos.

A emergência do trabalho rural volante, na agricultura brasileira, provocou mudanças fundamentais na família tradicional rural.

Uma das conseqüências dessas transformações - destruição para a produção da unidade familiar<sup>39</sup> - é o que interessa comentar aqui.

O trabalhador rural volante já não detém a posse da terra e, visando a subsistência da família, enfrenta situações as mais adversas.

Na relação de trabalho "volante", "o trabalho de cada um nada tem a ver com a totalidade dos trabalhos familiares e a quantidade de trabalho independe do desempenho do conjunto"<sup>40</sup>.

A necessidade de reforçar o orçamento doméstico obriga a cada membro da família a dar o máximo de si em atividades as mais variadas. Portanto, a tradição da unidade familiar perde sentido frente às dificuldades de subsistência que a realidade prática lhes apresenta.

As relações de autoridade patriarcal do pai para com os filhos se modificam, considerando que o distanciamento se efetiva, na medida em que as possibilidades de trabalho comum são esporádicas. A afirmação é válida, ainda que eles continuem exercendo atividades no meio rural.

---

<sup>39</sup>STEIN, p.73.

<sup>40</sup>Idem, p.73.

As perspectivas de trabalho diversificam-se em relação aos membros da família, considerando que o deslocamento para áreas urbanas oferece possibilidades novas aos filhos, principalmente do sexo feminino.

As atividades desenvolvidas pelos trabalhadores rurais volantes entrevistados e membros da família constituem-se preponderantemente em atividades rurais, conforme atesta o gráfico.

TABELA Nº 22

POPULAÇÃO TOTAL, TRABALHANDO COMO VOLANTE, NO MOMENTO DA PESQUISA.

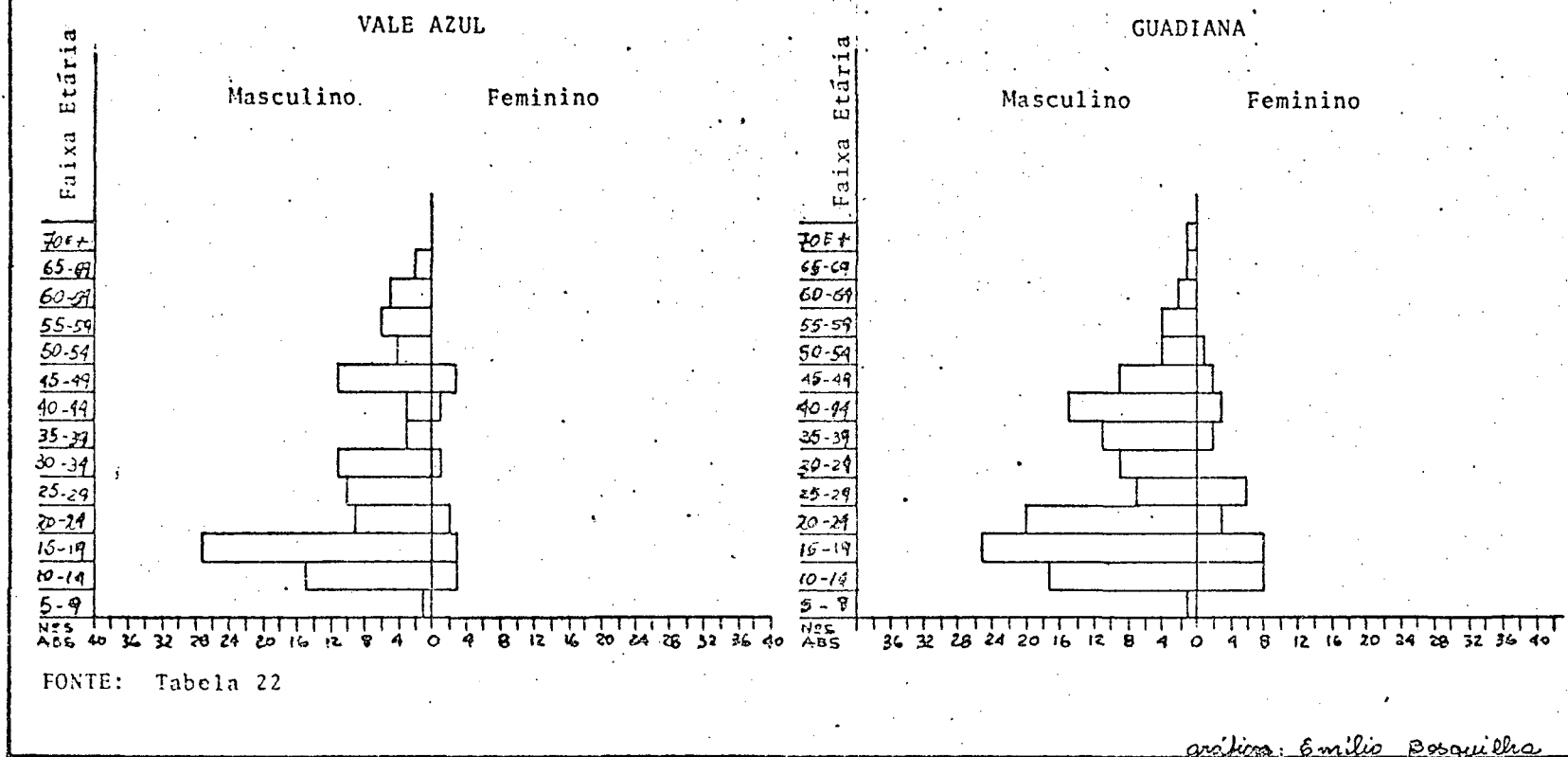
números absolutos

IDADE	Vale Azul			Guadiana			TOTAL
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	
06 a 09 anos	1	-	1	1	-	1	2
10 a 14 anos	15	3	18	17	8	25	43
15 a 19 anos	27	3	30	25	8	33	63
20 a 24 anos	9	2	11	20	3	23	34
25 a 29 anos	10	-	10	7	6	13	23
30 a 34 anos	11	1	12	9	-	9	21
35 a 39 anos	3	-	3	11	2	13	16
40 a 44 anos	3	1	4	15	3	18	22
45 a 49 anos	10	3	13	9	2	11	24
50 a 54 anos	4	-	4	4	1	5	9
55 a 59 anos	6	-	6	4	-	4	10
60 a 64 anos	5	-	5	2	-	2	7
65 a 69 anos	2	-	2	1	-	1	3
+ de 70 anos	-	-	-	1	-	1	1
Total	106	13	119	126	33	159	278

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan/77.

GRÁFICO 5

POPULAÇÃO TOTAL, POR FAIXA ETÁRIA E SEXO, TRABALHANDO COMO  
VOLANTE NO MOMENTO DA PESQUISA



Observam-se algumas diferenças entre Vale Azul e Guadiana. Como já se fez referência, o Vale Azul é um núcleo populacional que, na medida do possível, tem resistido à desagregação da unidade familiar.

A fundamentação desta afirmação se tem nos números absolutos apresentados no quadro. Apenas treze pessoas do sexo feminino trabalham como volante e, segundo os entrevistados, a maioria acompanha os pais ou maridos quando o serviço é de empreitada - modalidade muito usada no momento, pois determina rendimentos maiores.

Da mesma forma, no núcleo populacional do Vale Azul, os índices de participação de menores na força de trabalho são mais baixos.

Em Guadiana, que apresenta mobilidades migratórias mais frequentes, portanto menor capacidade de resistir à desagregação familiar, observa-se o sexo feminino e menores participando mais ativamente da força de trabalho.

Em Guadiana, registra-se trinta e três pessoas do sexo feminino e, constatou-se que, as mesmas se dirigem para o trabalho no caminhão junto com os homens, sem maiores problemas.

Na faixa de 6 a 9 anos registraram-se dois casos do sexo masculino, com 6 e 8 anos, com renda diária de 15 cruzeiros. Esses fatores são comuns nos momentos de "picos", quando os proprietários tem necessidade de colher rapidamente seus produtos e colocá-los no mercado.

De modo geral o menor participa do mercado de trabalho de forma mais acentuada, no núcleo populacional de Guadiana.

## 5.2. OPÇÕES ALTERNATIVAS DE ENTRE-SAFRA

Duas das principais características do trabalho rural volante é a sazonalidade e a ausência de vínculos formais entre o empregador e o trabalhador.

A ausência de vínculos contratuais formais determina, até certo ponto, a insegurança em relação ao trabalho. Até certo ponto, porque, o operário urbano, mesmo que devidamente registrado de acordo com a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), não fica imune aos mecanismos de oferta e demanda do mercado de trabalho, isto é, à medida que a demanda é maior que a oferta, exercendo pressão sobre os salários, o mesmo é substituído (o trabalhador) por um operário com remuneração menor.

A sazonalidade do trabalho rural volante está vinculada às culturas, ou variedades de culturas, desenvolvidas na região ou na área de influência dos trabalhadores. Em decorrência deste fator e considerando as características locais ou regionais de cada núcleo populacional, as opções alternativas são maiores ou menores.

A inclusão da pergunta - além do trabalho volante, dedica-se a outra atividade? - permitiu quantificar a frequência de trabalhadores rurais volantes que possuem outras alternativas.



TABELA Nº 23

## OPÇÕES ALTERNATIVAS DE ENTRE-SAFRA, POR NÚCLEO POPULACIONAL

Opções	Vale Azul		Guadiana		Totais	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Sim	29	46.8	12	16.0	41	29.0
Não	33	53.2	63	84.0	96	70.1
Total	62	100.0	75	100.0	137	100.0

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan./77.

As opções alternativas dos trabalhadores rurais volantes do Vale Azul, em termos gerais, constituem-se em: cultivar terras situadas ao redor de suas moradias.

A área foi loteada em 1963 e a maioria dos proprietários das "datas"\* no local permitem aos moradores a plantação em parceria ou mesmo total. Esse abandono se deve à baixa valorização dos terrenos pelas dificuldades de acesso e pela ausência de infra estrutura no local. Aliás, situação que perdurará por muito pouco tempo, pois o local fica distante 8 km. de Maringá e a especulação imobiliária se encontra em franca evolução.

As culturas desenvolvidas no Vale Azul são: milho, mandioca, batata, chuchu, etc., que servem como alimentação nas épocas de entre-safra, conforme declara um morador, "é a gente tem que ser vegetariano na marra".

\* Nomenclatura dada a terrenos urbanos, na região.

Normalmente a população do Vale Azul trabalha quatro meses por ano, ou seja, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro em atividades de limpeza do solo na cultura do soja.

Deve-se salientar que a tendência é reduzir a mão-de-obra ao mínimo possível. Visando isso, os proprietários têm usado herbicida em maior escala, cultivador, para limpeza do solo, bem como outros métodos. Segundo declara um proprietário entrevistado, referindo-se ao "bóia-fria", "traz desvantagens porque tem que pagar ordenado meio caro e eles não fazem serviço que recompense".

Em Guadiana, dos 16% que revelaram manter outra atividade, a maioria trabalha como saqueiro em fins de semana e em período de entre-safra. Outros limpam "datas" ao redor ou fazem biscates.

Os trabalhadores rurais volantes de Guadiana encontram trabalho mais meses do ano pelo fato de serem requisitados para trabalhar em outras propriedades, dos mesmos proprietários, fora do Município, onde há diversificação de culturas. Na região de abrangência dos trabalhadores rurais volantes de Guadiana cultiva-se soja, café, predominantemente, cereais, cana-de-açúcar e, também dedicam-se à pecuária.

### 5.3. VOLANTES QUE TIVERAM EXPERIÊNCIA COMO COLONO

O processo de ocupação do Paraná, que segundo Jorge Balan<sup>41</sup> foi uma experiência baseada na colonização privada com venda de lotes pequenos e médios a proprietários com algum capital, deu-se por migrantes nordestinos, mineiros e paulistas.

A ocupação fez-se com a extensão da cultura dos cafezais paulistas, em processo de esgotamento, para as terras virgens paranaenses.

Em consequência, transplantou-se também o colonato, mão de obra característica da cultura do café. Um dos aspectos que caracterizam o colonato, segundo Leila Stein, é que a maior parte do trabalho não é efetivamente paga.<sup>42</sup>

Na pesquisa procurou-se levantar o número de trabalhadores rurais volantes que tiveram experiências com colonato, bem como suas posições a respeito e se gostariam de voltar a trabalhar de colono.

Dos trabalhadores rurais volantes entrevistados, 35.5% no Vale Azul e 30.6% em Guadiana tiveram experiências como colonos.

---

<sup>41</sup>BALAN, Jorge. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil. In: Estudos CEBRAP, nº 5.

<sup>42</sup>STEIN, p.73.

À pergunta seguinte - gostaria de voltar a trabalhar como colono - obteve-se o seguinte resultado.

TABELA Nº 24

POSIÇÃO FRENTE AO COLONATO\*, POR NÚCLEO POPULACIONAL

Posição	Vale Azul		Guadiana	
	abs.	%	abs.	%
Sim	11	50.0	9	39.2
Não	11	50.0	13	56.5
Não sabe	-	-	1	4.3
Total	22	100.0	23	100.0

\* Resposta a pergunta: gostaria de voltar a trabalhar de colono?

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

Apesar das condições de miséria vivenciadas pela população, as respostas negativas somaram apenas 50% no Vale Azul e 56.5% em Guadiana.

O resultado obtido foi surpresa, em vista da instabilidade de emprego que caracteriza o trabalhador rural volante e da "idealização do passado", apesar de confirmar pesquisa anterior.<sup>43</sup>

No correr da pesquisa procurou-se fundamentar as razões das respostas positivas e negativas. O teor das respostas

<sup>43</sup> GRAZIANO DA SILVA, José Francisco e FREITAS, Gilberto Passos de. Os volantes na zona de Avaré e Cerqueira Cesar. Botucatu, FCMB/UNESP, 1976.

permitiram que se visualizassem distinções dentro do sistema de colonato, o que aliás foi asseverado por depoimentos pessoais.

Selecionaram-se algumas respostas dos trabalhadores rurais volantes, condensando os aspectos positivos dos que responderam que gostariam de voltar a trabalhar de colono, que se resume no seguinte: segurança, satisfação, fartura e conforto.

"É melhor que volante, todo dia tá em casa e come na hora certa". Como se sabe, as reclamações mais constantes dos trabalhadores rurais volantes são em relação a segurança de emprego para o dia seguinte e o fato de comerem a "bóia-fria". Estes aspectos estão presentes em um grande número de respostas.

"Sempre tinha pagamento, podia criar, plantar, não passava dificuldade". Um aspecto importante na relação do colonato é que o trabalhador tem assegurado a "mesada". É fixado uma quantia anual por mil pés de café, da qual o colono recebe uma parcela correspondente ao final de cada mês, que pode ser paga em dinheiro ou em "ordem".\*

A mesada, somada aos produtos das plantações que o colono faz e animais que cria, dá-lhe o suficiente para a alimentação e, às vezes, poupança para os gastos de emergência.

---

\* A "ordem" é um vale que o proprietário dá ao trabalhador e que, normalmente condiciona a compra a um determinado armazém.

Alguns dos entrevistados, apesar de optarem pela volta ao colonato, demonstram dúvidas, como é o caso dessa declaração, "se dê pra viver. Não gosto por causa do sino e da buzina".

A utilização do "sino e da buzina" é uma constante nas justificativas dos que responderam não querer a volta ao colonato.

Da mesma forma, foram selecionadas algumas respostas significativas quanto aos aspectos negativos do colonato. As reclamações se concentram em três aspectos: salário baixo, proibição a plantações, regime de trabalho rigoroso.

"É muito cativo. É a classe mais dura. A pessoa é obrigada a tudo. Quando quer sair tem que avisar. O fazendeiro fica rico e o pobre mais pobre; a gente só trabalha para o fazendeiro". Duas das principais reclamações estão aí contidas: baixo salário e regime rigoroso.

Sabe-se que no colonato, de direito, o contrato é feito com o chefe da família mas, de fato todos os membros da família contribuem no trabalho, sem remuneração específica, salvo em épocas de colheita.

No trabalho rural volante, se a família é grande, nos momentos de "picos" de mão-de-obra, o saldo líquido diário é proporcionalmente bem maior. É um dado que pesa no poder aquisitivo do agricultor que se caracteriza pela baixa renda.

"É cativo. Os fazendeiros não quê deixã os colono plan<sub>ta</sub>. Fim de semana os fazendero dá "orde" pra fazer compra e não dá dinheiro". Nesta resposta verificou-se um dado no<sub>vo</sub> que parece ser fundamental na distinção do colonato, a supressão da terra destinada ao colono, um dos aspectos prin<sub>cipais</sub> que o caracteriza.

Por outro lado, há todo um processo de exploração característico do colonato - a ordem para compras - a não cir<sub>cula</sub>ção de dinheiro mas sim "ordem" destinadas a determinados armazéns, que muitas vezes são do proprietário ou de pessoas da família.

Há respostas mais categóricas: - "de forma alguma. A gente é escravizada. É muito melhor bôia-fria". Apesar de não esclarecer muito, revela uma situação patente de des<sub>gra</sub>do.

O esforço para compreensão dos resultados levou-nos à procura de teoria existente e à seguinte conclusão:

Na medida em que os proprietários agrícolas adotaram um comportamento mais racional, a supressão da área de terra destinada ao colono foi um primeiro passo. Esse dado pa<sub>re</sub>ce fundamental para justificar o des<sub>gra</sub>do dos trabalha<sub>do</sub>res em relação ao sistema de colonato.

Em relação à rigidez do sistema do colonato - tanto os trbalhadores rurais volantes que gostariam de voltar, como os que não gostariam - são unânimes em concordar. Parece que a rigidez do sistema foi tolerada enquanto havia a compensação de liberdade para plantio e criação.

#### 5.4. EXPERIÊNCIAS ANTERIORES COMO PROPRIETÁRIOS AGRÍCOLAS

A desvalorização dos produtos agrícolas e a irracionalidade no aproveitamento das pequenas propriedades impossibilitam lucros suficientes para que o proprietário assegure a sua posse.

Para manutenção da pequena propriedade, o agricultor efetua os financiamentos bancários que lhe são oferecidos, quando consegue, no entanto, não auferindo lucros suficientes, muitas vezes é obrigado a dispor da propriedade para saldar os compromissos.

Neste processo as pequenas propriedades são anexadas a propriedades maiores e o pequeno proprietário passa a engrossar a fila dos que disputam mercado de trabalho, geralmente na condição de trabalhador rural volante.

No Vale Azul apenas 24.2% dos trabalhadores rurais volantes entrevistados foram proprietários de terras. Em Guadalupe, apenas 13.3% dos trabalhadores rurais volantes foram proprietários.

Questionando-se os motivos - porque dispôs da propriedade - verificou-se que 28% dos entrevistados alegaram falta de recursos e prejuízos com as lavouras.

Os prejuízos com as lavouras levam os agricultores, embora resistentes, a efetuarem dívidas, a procurarem financia



mentos bancários, porém, a baixa renda extraída da propriedade, não permite acumulação de poupanças suficientes para o pagamento das dívidas ou eventuais necessidades.

Verificou-se que, no total; 24% dos agricultores foram obrigados a dispor da propriedade, para arcar com despesas médicas para pessoas da família ou para si próprio.

Os casos mencionados, de venda por motivos de mudança de Estado, ocupam 3º lugar, com 16% do total dos entrevistados. Nesta categoria registraram-se migrantes de origem nordestina e proprietários na região de origem, sendo os motivos alegados os mesmos - baixa renda das propriedades.

### 5.5. TRABALHADORES RURAIS VOLANTES QUE TRABALHARAM REGISTRADOS.

O agricultor, pequeno proprietário, no momento em que dispõe da propriedade rural, adquirida com poupanças de rendimentos no sistema de colonato ou parceria, já não consegue adquirir outra.

Por outro lado, as perspectivas de trabalhar como colono ou parceiro se tornam a cada dia mais remotas. O trabalhador migra para a periferia urbana onde, dependendo do local, consegue adquirir um terreno e construir uma casa.

Passa, então, a engrossar o contingente em busca de emprego, trabalhando na agricultura na condição de volante ou esporadicamente na zona urbana em trabalho registrado ou não.

Dos trabalhadores rurais volantes entrevistados no núcleo populacional do Vale Azul 29.0% trabalharam registrados. Do total dos que trabalharam registrados 33.5% o fizeram na zona rural e 66.5% na zona urbana.

Dos trabalhadores rurais volantes entrevistados no núcleo populacional de Guadiana 25.3% trabalharam registrados. Do total dos que trabalharam registrados 10.5% o fizeram na zona rural e 89.5% na zona urbana.

Em anos recentes tem-se observado o fato de algumas propriedades na zona rural registrarem seus trabalhadores.

No núcleo populacional do Vale Azul verificou-se a presença de uma granja, há 2 km. do local, que registra todos os trabalhadores permanentes. Os que trabalharam registrados na zona rural, o fizeram nesta granja, muito embora a granja também utilize trabalhadores rurais volantes pela presença de cultura de soja em uma parte da propriedade.

Ao tomar-se o período em que os mesmos trabalharam registrados verificou-se que as frequências se concentraram no período 1971/77, abrangendo 61% dos trabalhadores rurais volantes do Vale Azul e 73% de Guadiana.

Os trabalhadores rurais volantes, devido às oscilações do mercado de trabalho, quando trabalham registrados, não conseguem permanecer no emprego por muito tempo. Fatos insignificantes são motivos de demissões dos trabalhadores ou então, nas fases de redução de mão-de-obra, são os primeiros a serem dispensados, ou mesmo, quando é passível de substituição por outro, por salário menor.

Quando o trabalhador rural volante migra para a periferia urbana, uma das principais aspirações é conseguir trabalho registrado, pressupondo, com isso, determinadas garantias, tais como: salário fixo, assistência médica à família através do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e ajuda de salário família.

Surpreende-se quando é demitido sem razão aparente e continua perseguindo o ideal, pelas razões que ainda acredita e necessita, conforme declaração de um entrevistado: "mais segurança e menos chance do trabalhador ser passado pra trás"

ou "tem salário fixo, seguro e garantia médica" ou então "é bem mais fácil porque se fica doente está ganhando e ao mesmo tempo se tratando".

Os fatores segurança salarial e assistência médica predominaram nas respostas. A mudança operada no campo brasileiro, separando o trabalhador da terra, não lhe propiciando trabalho diário e, conseqüentemente, alimentação necessária para a reposição de suas forças, evidenciam-se como responsáveis pelas atuais condições de trabalho.

5.6. EXPECTATIVAS DE TRABALHO E POSIÇÃO FRENTE ÀS CONDIÇÕES ATUAIS.

"Condenado a vivenciar o mais ínfimo padrão de vida, ele vê o seu trabalho como solução provisória, como uma tentativa de ir sobrevivendo, enquanto não lhe é dada a oportunidade de um trabalho fixo na cidade ou um pedaço de terra para cultivar"<sup>44</sup>.

Os trabalhadores rurais volantes aceitam a provisoriedade do trabalho, incapazes de qualquer ação, e se mantêm na expectativa de algo definitivo, que lhes propicie condições de vida mais dignas.

Apesar da população do Vale Azul ter-se caracterizado por padrões tradicionais de comportamento, não se evidenciaram distinções nítidas, entre os trabalhadores rurais volantes dos dois núcleos, quanto às expectativas de trabalho.

As expectativas dos trabalhadores, quanto a uma solução definitiva das condições de trabalho, mostram-se divididas, não apenas em duas categorias, conforme registra Maria Conceição, em trabalho citado, mas sim, em três, ou seja:

- a) os que direcionam as aspirações para a posse de terra;

---

<sup>44</sup>MELLO, p.146.

- b) os que direcionam as aspirações para o emprego "fixo" na cidade;
- c) os que se direcionam para qualquer outra atividade menos aviltante.

Declaram os trabalhadores rurais volantes, compreendidos na primeira categoria: "Gostaria de ter um pedaço de terra e poder plantar e comer". Nas respostas destacam-se as necessidades objetivas dos trabalhadores: alimentar-se, ou seja, repor as energias para o trabalho. Ou então: "gostaria de continuar na lavoura, de porcenteiro, mas os donos das terras não querem mais". É uma constante nas respostas a forma condicional, demonstrando a inviabilidade das aspirações dos trabalhadores com a realidade prática da agricultura brasileira.

Na segunda categoria, os que preferem ir para a cidade, as opções diversificam-se, mantendo constante a exigência de constituir-se em emprego "certo", como mostram as respostas: "numa firma em que pudesse se organizar, ter horário certo para trabalhar e salário certo", ou, "numa firma, registrado, de carpinteiro ou marceneiro", ou ainda, "que tivesse pagamento certo, principalmente na cidade, por causa das crianças".

Na terceira categoria estão os trabalhadores que denotam maior descrença perante as atuais condições e se contentariam em permanecer "na roça, em outras condições, ou na cidade", ou, "qualquer um menos bôia-fria", ou ainda, "um serviço que não fosse muito pesado, porque já estou muito velho

e não tenho mais saúde". O terceiro discurso apresenta um elemento novo, revela o pessimismo e a apatia de uma vida que chega ao fim, sem expectativas e sem perspectivas.

## CONCLUSÃO

Na parte inicial do trabalho, faz-se a caracterização histórica da ocupação da Região, evolução das relações de trabalho e evolução da população a partir da década de 50.

A ocupação econômica da Região, constitui-se prolongamento da cultura cafeeira do Estado de São Paulo, em vista disso, apresenta similaridades em termos de relações de trabalho, colonato e parceria.

Evidencia-se, ainda, o processo de urbanização decorrente do êxodo das populações rurais, pelos seguintes fatores:

a) tentativa de implantação do Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963, que transformou o colono e o parceiro em trabalhador rural volante, onde o proprietário isenta-se das obrigações trabalhistas preconizadas pela nova legislação;

b) substituição de culturas, café pelo soja, e consequente mecanização das propriedades, em decorrência da política intervencionista expressa através de programas do IBC/GERCA, entre outros fatores, visando, por um lado, controle de produção do café e, por outro, os aspectos positivos da substituição, devido à elevação do preço do soja no mercado internacional; (período em que começou a trabalhar de volan



te, tabela em anexo)

c) As geadas (1965 e 1975), que prejudicaram proprietários e parceiros, e o intervencionismo estatal na agricultura, resultando na substituição do café pelo soja.

No Capítulo II, caracteriza-se o universo delimitado à pesquisa. O núcleo populacional do Vale Azul, mantém hábitos e costumes mais integrados num quadro de valores tradicionais, já o núcleo populacional de Guadiana, apresenta mobilidades migratórias mais frequentes e, em consequência, mostra-se menos tradicional.

Apresenta-se, também, o resultado das entrevistas com os proprietários, num histórico das propriedades, que ratifica os fatores de aumento dos trabalhadores rurais volantes, na medida em que são registradas as atividades iniciais e o ano de mecanização das propriedades, entre outros fatores.

Na caracterização geral da população foi apresentada a estrutura da população, condições habitacionais, condições gerais de rendimentos e despesas e escolarização.

Quanto às características demográficas da população, registra-se a estrutura da população pesquisada nos núcleos, através de pirâmides etárias, que não se apresentam com base ampla, característica essa de populações jovens. Isto se dá em função da presença de migrantes na composição global da população, distribuídos em todas as faixas etárias, vindos em períodos diferentes.

Em relação ao estado civil dos entrevistados a predominância é para casamentos completos, ou seja, civil e religioso. A frequência de casamentos, só no civil, mostrou-se alta, fundamentalmente por fatores econômicos.

No que se refere às condições habitacionais, a predominância foi para casas de madeira com pisos de assoalho, cimento ou chão batido. Registram-se condições habitacionais mais precárias para Guadiana, elevando-se os percentuais de casas construídas com materiais improvisados, bem como, ausência de banheiros e de infra-estrutura para abastecimento d'água.

Em relação às condições de ocupação dos domicílios, predomina para o Vale Azul a categoria cedido e para Guadiana a categoria alugado.

No tocante às despesas da população, a média com alimentação, para o Vale Azul, foi de Cr\$ 762,50, considerando 5.6 como média de residentes por família. Para Guadiana, foi de Cr\$ 753.17, considerando 5.3 como média de residentes por família. Ressalte-se que as despesas tem relação direta com a renda, uma vez que os trabalhadores rurais volantes, normalmente, efetuam as compras após recebimento do salário da semana.

Quanto a escolarização, a população entrevistada, tanto no Vale Azul, quanto em Guadiana, apresenta maiores frequências na categoria primário incompleto, seguindo-se a categoria alfabetizado não formal.

No capítulo IV, Naturalidade e Movimento Migratório da População, foi registrado:

- a) predominância de migrantes em relação aos chefes volantes entrevistados e em relação a população total, predominância de naturais;
- b) quanto à naturalidade dos chefes volantes, ver tabela 16, anexo 10, predominam sudestinos e nordestinos, tendo obedecido o roteiro: São Paulo, Norte Velho e Norte Novo do Paraná;
- c) considerando a população total, predominam naturais do Estado, registrando-se 58.2% para o Vale Azul e 62.3% para Guadiana, conforme tabela 15.

Os fatores explicativos constituem-se:

- a) transformações na agricultura paulista;
- b) secas prolongadas no nordeste;
- c) colonização da Região Norte Paranaense.

Quanto à migração para o Estado e Município, registram-se freqüências consideráveis nos períodos 1957/66 e 1967/77 (tabela 17 e 18), quando se processa com maior intensidade a substituição da cultura do café pela cultura do soja.

Em relação às cinco últimas mobilidades migratórias, constata-se que a migração foi intensificada nos últimos dez anos, registrando-se as maiores freqüências no período de 2 a 5 anos (tabela 19). Por outro lado, as categorias

proprietários, colonos e parceiros decrescem em participação em favor da categoria volante (tabela 22).

Conclui-se, ainda, que o caráter de sazonalidade do trabalho rural volante é responsável pelo clima de instabilidade e insegurança que manifestamos trabalhadores, uma vez que só os mais "fortes" são selecionados para os períodos de entre-safra.

Nas características gerais dos trabalhadores rurais volantes, coloca-se a questão da desagregação da família enquanto unidade para a produção e experiências anteriores dos trabalhadores rurais volantes.

O trabalhador rural, nos sistemas de colonato e parceria, geralmente, tem seus contratos de trabalho vinculados à unidade familiar, ou seja, a quantidade de terra é vinculada ao número de membros da família em condições de disponibilidade para o trabalho. No trabalho rural volante essa característica perde sentido, uma vez que as perspectivas de trabalho quanto aos membros da família diversificam-se.

O núcleo populacional do Vale Azul revela-se mais integrado a um quadro de valores tradicionais, portanto, resistindo à desagregação da unidade familiar.

Ressalte-se que as opções alternativas de entre-safra para o Vale Azul, reforçam essa característica da população. Já em Guadiana, as opções alternativas são diversificadas para os membros da família, contribuindo para mudanças nas

características da população.

Quanto aos que tiveram experiências anteriores como colonos, a maioria se declarou por não querer retornar ao colonoto, alegando regime de trabalho rigoroso e, praticamente, nenhuma vantagem, uma vez que a terra que antes lhes era destinada fora suprimida.

Dos que tiveram experiências anteriores como proprietários, em termos gerais, tiveram que dispor da propriedade pelos seguinte fatores: baixa renda extraída da propriedade; despesas com doenças da família; mudança de Estado. Em regra geral, esses trabalhadores, após passarem pelos sistemas de colonato e parceria engrossam o contingente de trabalhadores rurais volantes.

Isto posto, as atuais condições de trabalho mostram-se precárias, determinando que os trabalhadores rurais volantes, em termos de aspirações, permaneçam divididos entre trabalho urbano com registro, posse de terra e qualquer outra atividade menos aviltante. Normalmente, o trabalho registrado traz implícitas as questões: segurança, salário fixo e assistência médica que, via de regra, em termos práticos não corresponde à realidade.

O desequilíbrio entre a oferta e a demanda de força de trabalho, provocado pelas modificações no sistema de mão-de-obra no campo, resulta na insegurança e nos baixos salários obtidos pelos trabalhadores.

Reportando aos propósitos iniciais da pesquisa, deduz-se, então, que a mudança operada no "modelo econômico" a partir da década de 50, é responsável pelas alterações nas relações de trabalho e na composição da população radicada no campo. Neste período a agricultura decresce em termos relativos, ao mesmo tempo em que continua subsidiando o novo setor dinâmico da economia, a indústria.

Em consequência, a partir desta referência cronológica, acentua-se o aumento do número de trabalhadores rurais volantes na agricultura brasileira e na região onde foi localizada a pesquisa.

Por outro lado, a aprovação do ETR (Estatuto do Trabalhador Rural), o intervencionismo na agricultura e geadas no Paraná, são fatores decorrentes e incorporados pela política econômica vinculada ao processo capitalista mundial e interno.

Conclui-se, portanto, que as mudanças qualitativas nas condições de vida da população pesquisada, a aceleração do processo migratório e a desagregação da família enquanto unidade para a produção, são decorrências da aceleração do processo capitalista no campo.

# LISTA DE TABELAS

1.	Variação do número de paranaenses natos vivendo fora da unidade de origem, na da dos recenseamentos: 1940 e 1950 .....	30
2.	Total do Estado e municípios onde se localizou a pesquisa. Evolução da população 1950/1960 e 1970 . ....	32
3.	Total do Estado e municípios onde se localizou a pesquisa. Evolução da população - rural-urbana. 1950, 1960 e 1970. ....	33
4.	Histórico das propriedades dos entrevistados - Vale Azul e Guadiana. ....	46
5.	População total, distribuição por grandes grupos de idade, por núcleo populacional. ....	55
6.	Estado civil e sexo, população entrevistada, por núcleo populacional. ....	56
7.	Modalidade de casamento dos entrevistados, por núcleo populacional. ....	57
8.	Composição física do domicílio em relação ao número de cômodos e número de pessoas residentes. ....	60
9.	Tipo de domicílios, por núcleo populacional. ....	61

10.	Abastecimento d'água, por núcleo populacional. ....	63
11.	Condição de ocupação dos domicílios, por núcleo populacional. ....	64
12.	Renda, despesa e número de residentes , por núcleo populacional. ....	67
13.	Grau de escolaridade da população por sexo. População de 07 a 64 anos. ....	72
14.	Grau de escolaridade dos entrevistados, por núcleo populacional. ....	74
15.	Naturais e migrantes, população total, por núcleo populacional. ....	80
16.	Naturalidade dos entrevistados, por regiões do País. ....	81
17.	Período de migração para o Paraná, por núcleo populacional. ....	83
18.	Período de migração para o Município, por núcleo populacional. ....	86
19.	Tempo de residência dos entrevistados, no local, por núcleo populacional. ....	89
20.	Mobilidade migratória vinculada à posição na ocupação, por núcleo populacional ....	91
21.	Lugares de trabalho no mês, por núcleo populacional. ....	94



22. População total, trabalhando como volante,  
no momento da pesquisa. .... 99
23. Opções alternativas de entre-safra, por nú-  
cleo populacional .....104
24. Posição frente ao colonato, por núcleo po-  
pulacional. ....107

LISTA DE GRÁFICOS

1. Estrutura da população por faixa etária e sexo. Vale Azul ..... 51
2. Estrutura da população por faixa etária e sexo. Guadiana ..... 52
3. População total, por faixa etária e sexo, diferenciando migrantes e não migrantes. Vale Azul..... 78
4. População total, por faixa etária e sexo, diferenciando migrantes e não migrantes. Guadiana. .... 79
5. População total, por faixa etária e sexo, trabalhando como volante no momento da pesquisa. Vale Azul e Guadiana. .... 100

LISTA DE ANEXOS

1. Mapa do Estado do Paraná. Roteiro dos migrantes na ocupação da Região.
2. Mapa do Estado do Paraná. Municípios onde se localizam os núcleos populacionais do Vale Azul e Guadiana.
3. Mapa do Estado do Paraná. Municípios onde se localizam as propriedades dos entrevistados.
4. Tabela. Estrutura da população por faixa etária. Vale Azul.
5. Tabela. Estrutura da população por faixa etária. Guadiana.
6. Tabela. População total, por faixa etária e sexo, diferenciando os migrantes e não migrantes. Vale Azul.
7. Tabela. População total por faixa etária e sexo, diferenciando os migrantes e não migrantes. Guadiana.
8. Tabela. Grau de escolaridade da população, por sexo. População de 07 a 64 anos.

9. Tabela. Período em que começou a trabalhar de volante, por núcleo populacio -  
nal.
10. Naturalidade dos chefes volantes, por nú  
cleo populacional.
11. Período de migração para o Paraná, por  
núcleo populacional.
12. Modelo dos formulários aplicados aos  
trabalhadores rurais volantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. Cidade e Campo no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- BARRIGUELI, José Cláudio. Fazendeiros e volantes, duas categorias sociais em mudança - Botucatu, F.C.M.B., 1975.
- BALAN, Jorge. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil. In: Estudos CEBRAP nº 5.
- BARROS, Eliane C. e URBAN, Maria Lucia de Paula. O trabalho assalariado rural volante: notas para uma categorização. Botucatu, UNESP, 1977. (mimeo).
- BELTRÃO, Pedro Calderam. Demografia, ciência da população. Análise e teoria. Porto Alegre, Sulina, 1972.
- BERQUO, Elza Salvatori. Aspectos biológicos da fertilidade. Cadernos CEBRAP. n.4, São Paulo, 1971.
- CANCIAN, Nadir Aparecida. A cafeicultura paranaense: 1900-1970. São Paulo, Departamento de História, USP, 1977. (tese de doutoramento).
- CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento, Brasil: JK - JQ. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- COSTA, Manoel Augusto. Urbanização e migração urbana no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1975 (série monográfica nº21).

CHAUNU, Pierre. História da América Latina. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná. Publicação comemorativa de cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. São Paulo, Edane, 1975.

DEZZOTI, Dr. Milton et alii. Alguns problemas de ordem legal que envolveu o "bóia-fria". Botucatu, F.C.M.B., 1975. X

DURHAN, Eunice R. A caminho da cidade. São Paulo, perspectiva, 1973.

FIGUEROA, Manuel. O problema agrário no Nordeste do Brasil. São Paulo, Hucitec, 1977.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. Análise do "modelo brasileiro". Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1972.

\_\_\_\_\_. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

GOMES DA SILVA, José e SILVA RODRIGUES, Vera L.G. A problemática do "bóia-fria", uma revisão bibliográfica. Botucatu, F.C.M.B., 1975. (mimeografado). *Ver 2º tomo*

GONZALES, Elbio e BASTOS, Maria Ines. O trabalho volante na agricultura brasileira. Botucatu, F.C.M.B., 1975. (mimeografado).

GASQUES, José Garcia e VALENTINI, Rubens. Relações estruturais da oferta e demanda de volante no Estado de São Paulo. Botucatu, F.C.M.B., 1975. (mimeografado). *Ver 2º tomo*

GRAZIANO DA SILVA, José Francisco & FREITAS, Gilberto Passos de. Os volantes na zona de Avarê e Cerqueira Cesar. Botucatu, F.C.M.B., 1976. (mimeografado).

\_\_\_\_\_. O "bóia-fria": entre aspas e com os pingos nos is. Botucatu, F.C.M.B., 1976. (mimeografado).

HUBNER GALLO, Jorge Ivan. O mito da explosão demográfica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

IANNI, Octávio. O colapso do populismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, - 1977.

JORDÃO NETO, Antonio. Tentativa de clarificação dos conceitos de migrantes, trabalhadores temporários e trabalhadores volantes. Botucatu, F.C.M.B., 1975. (mimeografado). X

KAUTSKY, Karl. A questão agrária, Rio de Janeiro, Laemmert, 1968.

KLEINK, Maria de Lourdes. Elementos para uma análise das condições de reprodução do trabalhador rural volante. Botucatu, UNESP, 1977. (mimeografado).

LOUREIRO, Maria Rita Garcia. Parceria e capitalismo. Rio de Janeiro; Zahar, 1977.

LEWIN, Helena. Temática do mundo rural nos planos brasileiros de desenvolvimento. In: Debate & crítica nº 4, 1975.

MARTINES. ALIER, V. As mulheres do caminhão de turma. In: Debate & Crítica nº 5, 1975.

MARCÍLIO, Maria Luísa. Crescimento histórico da população brasileira. In: crescimento populacional (histórico e atual) e componentes do crescimento (fecundidade e migrações). São Paulo, cadernos CEBRAP nº 16, 1973.

MATA, Milton da et alii. Migrações internas no Brasil. Aspectos econômicos e demográficos. Rio de Janeiro, - IPEA/INPES, 1973.

MELLO, Maria Conceição D'Incao e. O bôia-fria: acumulação e miséria. Petrópolis, 1975.

MELLO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio. - UNICAMP, 1977 (tese de doutorado).

OLIVEIRA NETO, José Olinto de. Pedro colono e João Volante. Botucatu, UNESP, 1977. (mimeografado). X  
(ver 2º tomo)

OLIVEIRA, Chico de. A economia brasileira: crítica a razão dualista. São Paulo, Brasiliense, 1977.

PAOLI, Maria Celia Pinheiro Machado. Desenvolvimento e marginalidade, um estudo de caso. São Paulo, Pioneira, 1974.

PERARO, Maria Adenir. Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970. UFPR - Curitiba, 1978 (Dissertação de Mestrado). X

PILLATI BALHANA, Altiva, et alii. Campos Gerais estruturais agrárias. Curitiba, Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, 1968.

PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1974.

\_\_\_\_\_. A questão agrária no Brasil. São Paulo, - Brasiliense, 1979.



ROCHA ANTUNIASI, Maria Helena. Contribuição ao estudo das relações de produção no meio rural. Botucatu, F.C.M.B. 1976. (mimeografado). X  
ver 2  
temas

SILVA, Rosane de Lourdes. "O bôia-fria", ideologia e prática social. Botucatu, F.C.M.B., 1975. (mimeografado).

SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo, Alfa Ômega, 1976.

\_\_\_\_\_. Formas de acumulação e desenvolvimento do capitalismo no campo. In: Capital e trabalho no campo. São Paulo, Hucitec, 1977.

SINGER, Paul. O "milagre brasileiro", causas e consequências: caderno CEBRAP nº 6, São Paulo, 1972.

\_\_\_\_\_ e CARDOSO, Fernando Henrique. A cidade e o campo. Cadernos CEBRAP nº 7, São Paulo, 1972.

SOARES, Glaucio Ary Rillon. A questão agrária na América Latina, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

SOUZA MARTINS, José. Capitalismo e tradicionalismo. São Paulo, Livraria Pioneira, 1975.

STEIN, Leila. O trabalho volante: indicações para a caracterização de um debate. In: Contraponto. Ano 1, nº 1, nov/1976.

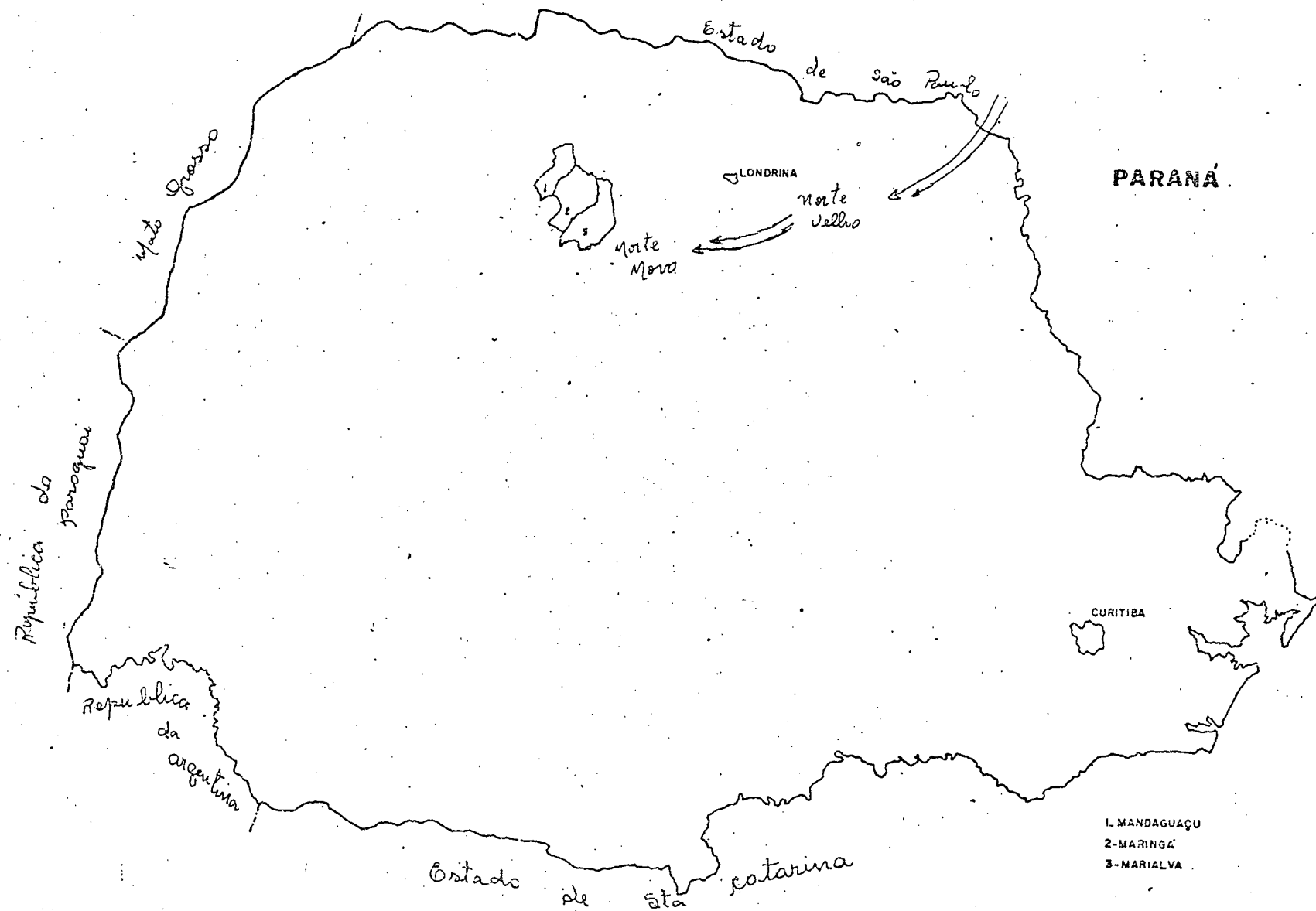
TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

TRINDADE, Judite Maria Barbosa. Estrutura Agrária: uma metodologia para seu estudo na história - UFPR, Curitiba, 1977. (Dissertação de Mestrado).

VINHAS, Maurício. Problemas agrário - camponeses do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

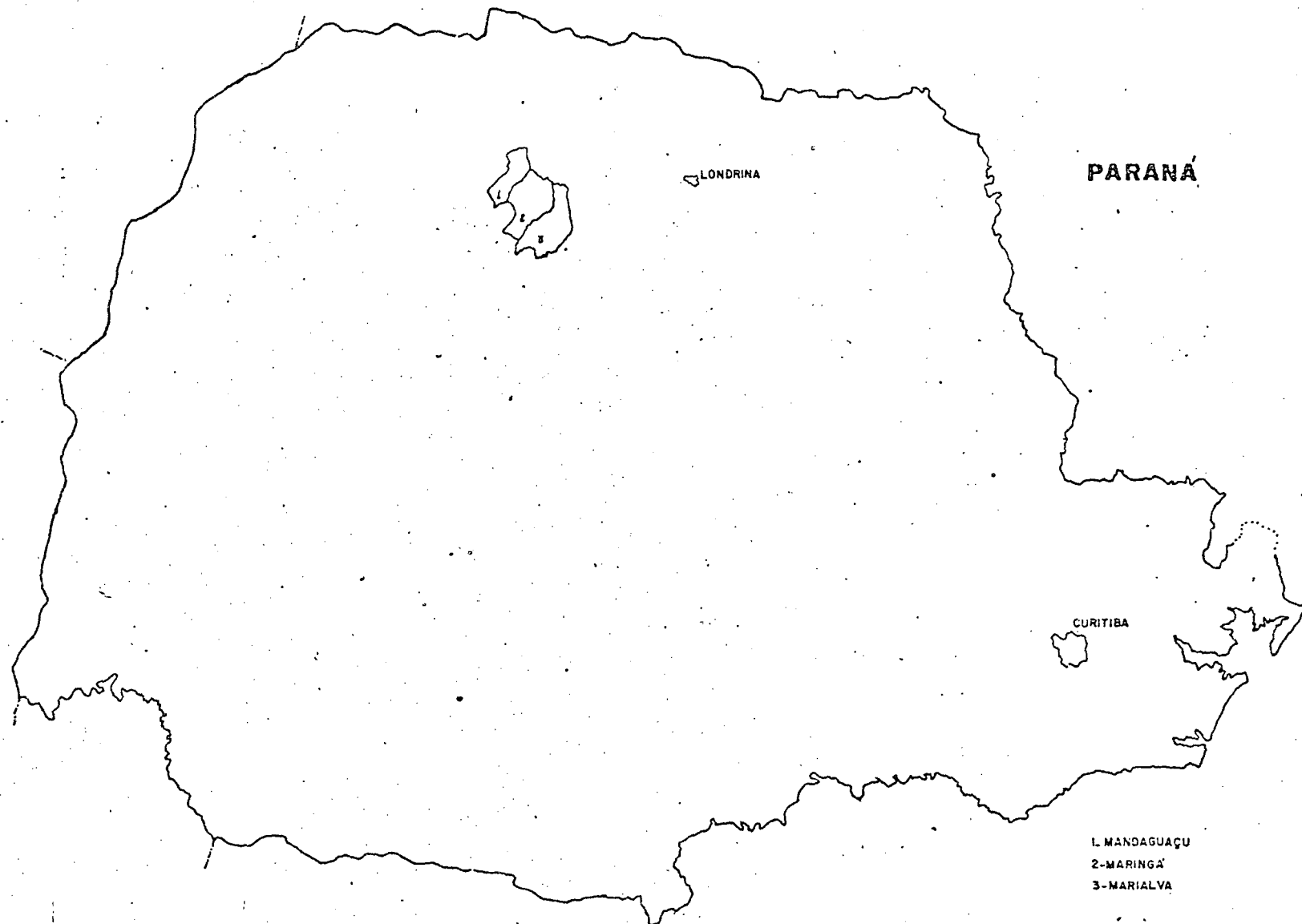
ANEXOS

ROTEIRO DOS MIGRANTES NA OCUPAÇÃO DA REGIÃO



FONTE: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, Jan/77.

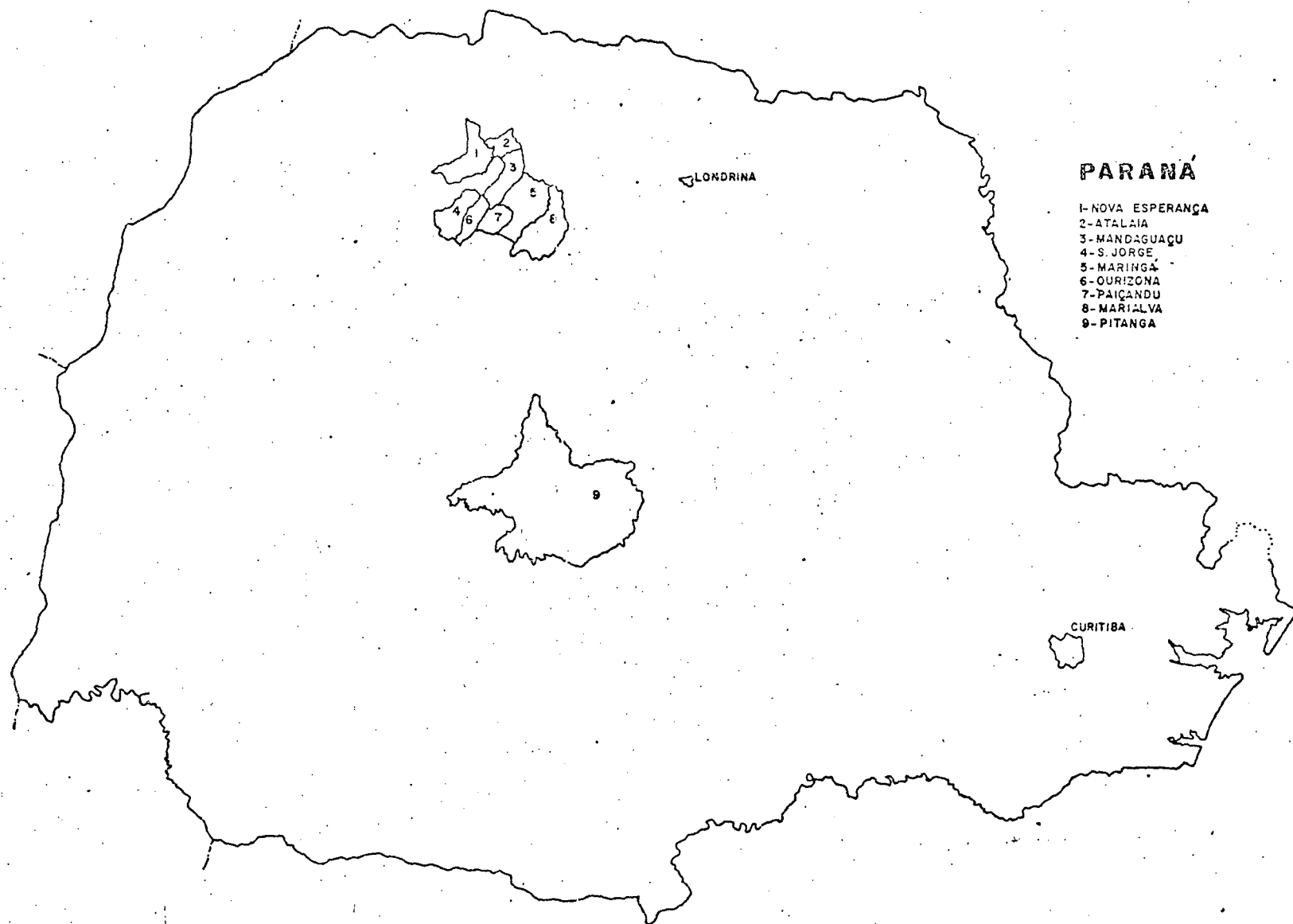
MUNICÍPIOS ONDE SE LOCALIZAM OS NÚCLEOS POPULACIONAIS DO VALE AZUL E GUADIANA



FONTE: Mapa cartográfico do Paraná.

ANEXO 3

MUNICÍPIOS ONDE SE LOCALIZAM AS PROPRIEDADES DOS ENTREVISTADOS



FONTE: Entrevistas orais, gravadas, com 15 proprietários rurais locadores da mão de obra, no momento da pesquisa. Dez./77.

ESTRUTURA DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA  
VALE AZUL

FAIXA ETÁRIA	M A S C U L I N O				F E M I N I N O				TOTAL GERAL
	SOLT.	CASADO	VIÚVO	SUB-TOTAL	SOLT.	CASADO	VIÚVO	SUB-TOTAL	
70 e +	-	-	-	-	-	-	1	1	1
65 a 69	1	1	-	2	-	-	-	-	2
60 a 64	-	5	-	5	-	1	-	1	6
55 a 59	-	6	-	6	-	5	-	5	11
50 a 54	-	4	-	4	-	2	2	4	8
45 a 49	-	9	1	10	-	12	1	13	23
40 a 44	-	3	-	3	-	6	-	6	9
35 a 39	-	5	-	5	1	3	-	4	9
30 a 34	-	15	-	15	-	9	-	9	24
25 a 29	2	25	-	27	-	22	-	22	49
20 a 24	11	16	-	27	6	26	-	32	59
15 a 19	33	2	-	35	12	10	-	22	57
10 a 14	34	-	-	34	26	-	-	26	60
05 a 09	24	-	-	24	29	-	-	29	53
00 a 04	25	-	-	25	33	-	-	33	58
TOTAL	130	91	1	222	107	96	4	207	429

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

## ANEXO 5

ESTRUTURA DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA  
G U A D I A N A

FAIXA ETÁRIA	M A S C U L I N O				F E M I N I N O				TOTAL GERAL
	SOLT.	CASADO	VIÚVO	SUB-TOTAL	SOLT.	CASADO	VIÚVO	SUB-TOTAL	
70 e +	-	1	1	2	-	1	1	2	4
65 a 69	1	2	1	4	-	-	-	-	4
60 a 64	-	1	1	2	-	1	1	2	4
55 a 59	-	3	1	4	-	1	1	2	6
50 a 54	-	4	-	4	-	5	-	5	9
45 a 49	-	9	-	9	-	7	-	7	16
40 a 44	-	16	-	16	-	10	2	12	28
35 a 39	-	12	-	12	-	10	-	10	22
30 a 34	1	7	-	8	-	15	-	15	23
25 a 29	3	8	-	11	2	14	1	17	28
20 a 24	8	13	-	21	2	16	-	18	39
15 a 19	25	-	-	25	14	12	-	26	51
10 a 14	32	-	-	32	35	-	-	35	67
05 a 09	38	-	-	38	38	-	-	38	76
0 a 04	33	-	-	33	34	-	-	34	67
TOTAL	141	76	4	221	125	92	6	223	444

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

## ANEXO 6

POPULAÇÃO TOTAL POR FAIXA ETÁRIA E SEXO DIFERENCIANDO OS MIGRANTES E NÃO MIGRANTESVALE AZUL

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO			FEMININO			TOTAL
	NATURAIS	MIGRANTES	TOTAL	NATURAIS	MIGRANTES	TOTAL	
00 a 04	24	1	25	32	1	33	58
05 a 09	24	-	24	27	2	29	53
10 a 14	31	3	34	25	1	26	60
15 a 19	28	7	35	15	7	22	57
20 a 24	14	13	27	17	15	32	59
25 a 29	8	19	27	2	20	22	49
30 a 34	-	15	15	3	6	9	24
35 a 39	-	5	5	-	4	4	9
40 a 44	-	3	3	-	6	6	9
45 a 49	-	10	10	-	13	13	23
50 a 54	-	4	4	-	4	4	8
55 a 59	-	6	6	-	5	5	11
60 a 64	-	5	5	-	1	1	6
65 a 69	-	2	2	-	-	-	2
70 anos e +	-	-	-	-	1	1	1
TOTAL	129	93	222	121	86	207	429

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.



## ANEXO 7

POPULAÇÃO TOTAL POR FAIXA ETÁRIA, SEXO E DIFERENCIANDO OS MIGRANTES E NÃO MIGRANTESGUADIANA

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO			FEMININO			TOTAL
	NATURAIS	MIGRANTES	TOTAL	NATURAIS	MIGRANTES	TOTAL	
00 a 04	30	3	33	34	-	34	67
05 a 09	35	3	38	33	5	38	76
10 a 14	30	2	32	31	4	35	67
15 a 19	20	5	25	21	5	26	51
20 a 24	15	6	21	8	10	18	39
25 a 29	3	8	11	2	15	17	28
30 a 34	4	4	8	4	11	15	23
35 a 39	1	11	12	2	8	10	22
40 a 44	1	15	16	-	12	12	28
45 a 49	1	8	9	-	7	7	16
50 a 54	-	4	4	1	4	5	9
55 a 59	1	3	4	-	2	2	6
60 a 64	-	2	2	-	2	2	4
65 a 69	-	4	4	-	-	-	4
70 anos e +	-	2	2	-	2	2	4
TOTAL	141	80	221	136	87	223	444

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

## ANEXO 8

GRAU DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO, POR SEXO  
POPULAÇÃO DE 07 A 64 ANOS - NÚMEROS ABSOLUTOS

ESCOLARIDADE	VALE AZUL			GUADIANA			TOTAL GERAL
	MASCULINO	FEMININO	SUB-TOTAL	MASCULINO	FEMININO	SUB-TOTAL	
Analfabeto	16	38	54	43	52	95	149
Alfabetizado não formal	14	3	17	14	4	18	35
Mobral	9	3	12	4	2	6	18
Primário incompleto	102	91	193	84	103	187	380
Primário completo	30	18	48	19	12	31	79
Ginásio incompleto	12	8	20	5	1	6	26
Ginásio completo	2	-	2	-	1	1	3
TOTAL	185	161	346	169	175	344	690

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77

## ANEXO 9

PERÍODO EM QUE COMEÇOU A TRABALHAR DE VOLANTE, POR NÚCLEO POPULACIONAL  
NÚMEROS ABSOLUTOS

PERÍODOS	VALE AZUL	GUADIANA	TOTAL
De 1920 a 24	-	1	1
De 1925 a 29	1	-	1
De 1930 a 34	-	-	-
De 1935 a 39	1	-	1
De 1940 a 44	-	2	2
De 1945 a 49	-	1	1
De 1950 a 54	2	4	6
De 1955 a 59	3	6	9
De 1960 a 64	13	20	33
De 1965 a 69	19	14	33
De 1970 a 74	16	21	37
De 1975 a 76	7	6	13
TOTAL	62	75	137

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, lan./77.

## ANEXO 10

NATURALIDADE DOS CHEFES VOLANTES, POR NÚCLEO POPULACIONAL - NÚMEROS ABSOLUTOS

E S T A D O	VALE AZUL		GUADIANA		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	
Santa Catarina	1	-	-	-	1
Paraná	5	-	16	1	21
São Paulo	12	-	17	1	30
Espírito Santo	1	-	-	-	1
Minas Gerais	24	1	19	1	45
Bahia	5	1	6	-	12
Sergipe	-	-	1	-	1
Alagoas	6	-	3	1	10
Pernambuco	4	-	2	1	7
Paraíba	1	-	1	-	2
Ceará	-	1	5	-	6
Mato Grosso	-	-	1	-	1
T O T A L	59	3	71	4	137

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

ANEXO 11

PERÍODO DE MIGRAÇÃO PARA O PARANÁ, POR NÚCLEO POPULACIONAL  
NÚMEROS ABSOLUTOS

PERÍODO	VALE AZUL	GUADIANA	TOTAL
1937 a 1946	9	15	24
1947 a 1956	25	27	52
1957 a 1966	23	22	45
1967 a 1977	5	11	16
T O T A L	62	75	137

Fonte: Formulários aplicados a trabalhadores rurais volantes, jan./77.

# MÃO-DE-OBRA VOLANTE RURAL

PESQUISA SÓCIO - DEMOGRÁFICA

NO	FL.
	1

LOCAL	PESQ.	DATA

## A - CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO DOMICÍLIO

01 TIPO DO DOMICÍLIO

01

☐ 1 CASA

☐ 3 QUARTO OU COMODO

☐ 2 BARRACO

☐ 4 OUTRO

02 COBERTURA PREDOMINANTE

02

03 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

03

04 TIPO DE PISO

04

05 INSTALAÇÃO SANITÁRIA

☐ 1 VASO SANITÁRIO

☐ 3 SANITÁRIO IMPROVISADO

05

☐ 2 PRIVADA EXTERNA

☐ 4 OUTRO

06 CONDIÇÃO DE HIGIENE DOS SANITÁRIOS

06

07 DESPEJO SANITÁRIO

07

☐ 1 FOSSA NEGRA

☐ 3 OUTRO

☐ 2 ESCOTO A CÉU ABERTO

08 ABASTECIMENTO D'ÁGUA

08

☐ 1 REDE PÚBLICA

☐ 3 OUTRO

☐ 2 CISTERNA, POÇO

09 COMPOSIÇÃO FÍSICA DO DOMICÍLIO

☐ 1 QUARTOS

☐ 3 SALA

☐ 2 COZINHA

☐ 4 BANHEIRO

☐ 5 OUTRO

10 CONDIÇÃO DE OCUPAÇÃO DO DOMICÍLIO

☐ 1 PRÓPRIO

☐ 3 ALUGADO

☐ 2 CEDIDO

☐ 4 OUTRO

ANEXO 12-A

ANEXO 12-B

CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS FAMILIARES E MORADORES PERTINENTES A FAMÍLIA

[illegible]

ANEXO 12-C

Nº DE ORDEM	NOME DE REFERENCIA	REL. DE PAREN- TESCO	RE- SIDA NO DOM.	SE XO	IDA- DE	EST. CON- JUG.	FORMA DE CASA- MEN- TO	NATURALIDADE CIDADE - MUNICIPIO ESTADO - PAIS	SITUAÇÃO OCUP. PRESENTE		RENDA		
									NOME DA OCUPAÇÃO	POSICÃO NA OCUPAÇÃO	DIÁRIA	BRUTA MENSAL	CONTR. FAMILIAR
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													

<b>1 - ESTADO CONJUGAL</b> S - SOLTEIRO C - CASADO V - VIUVO D - DESQUITADO L - UNIÃO LIVRE O - SEPARADO M - MÃE SOLTEIRA	<b>2 - FORMA DE CASAMENTO</b> R - RELIGIOSO C - CIVIL O - OUTROS	<b>3 - POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO</b> C - EMP. - C/ CLT. S - EMP. S/ CLT. A - AUTONOMO B - BISCATEIRO E - EMPREGADOR V - VOLANTE A - AUX. DA FAMÍLIA O - OUTRO
--	---	---

MAO-DE-OBRA VOLANTE RURAL

Nº  
CLT



# MAO DE OBRA VOLANTE RURAL

Nº

4

## C- MORTALIDADE INFANTIL

- 1- QTO FILHOS NASCERAM MORTOS
- 2- QTO MORRERAM APÓS TEREM NASCIDO
- 3- IDADES COM QUE MORRERAM
- 4- CAUSA - MORTIS:

## D. DESPESAS DA FAMÍLIA

- 01- ALUGUEL / MES
- 02- ALIMENTAÇÃO / MES
- 03- PRESTAÇÃO IMÓVEL / MES
- 04- ENERGIA ELÉTRICA / MES
- 05- IMPOSTO / ANO
- 06- ESCOLA / MES
- 07- TRANSPORTE / MES
- 08- MÉDICO / MES
- 09-
- 10- OUTRAS DESPESAS

## E. DOCUMENTAÇÃO DO CHEFE

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 REGISTRO DE NASCIMENTO | <input type="checkbox"/> 5 REGISTRO DE CASAMENTO  |
| <input type="checkbox"/> 2 TÍTULO DE ELEITOR      | <input type="checkbox"/> 6 CARTEIRA DE IDENTIDADE |
| <input type="checkbox"/> 3 CARTEIRA FUNERÁRIA     | <input type="checkbox"/> 7 CARTEIRA DE TRABALHO   |
| <input type="checkbox"/> 4 CERTIF. RESERVISTA     | <input type="checkbox"/> 8 CPF                    |

## F. MOBILIDADE NO ÚLTIMO MES

- 01- Nº DE LUGARES EM QUE TRABALHOU NO ÚLTIMO MES

ANEXO 12-D

# MÃO-DE-OBRA VOLANTE RURAL

Nº

FL  
5

## G- MOVIMENTO MIGRATÓRIO DO VOLANTE

- 1- HÁ QUANTO TEMPO MORA NESTE MUNICÍPIO? \_\_\_\_\_
- 2- HÁ QUANTO TEMPO MORA NO ESTADO DO PARANÁ? \_\_\_\_\_
- 3- QUANTAS MUDANÇAS FEZ NO ESTADO DO PARANÁ? \_\_\_\_\_
- 4- EM QUANTOS ESTADOS DIFERENTES MOROU, INCLUINDO O ESTADO DE ORIGEM? \_\_\_\_\_
- 5- QUAIS?

### ÚLTIMAS 5 MOBILIDADES

CIDADE/ESTADO	R/U	RAMO DE ATIVIDADE	POSICÃO NA OCUPAÇÃO	TEMPO
5º	_____	_____	_____	_____
4º	_____	_____	_____	_____
3º	_____	_____	_____	_____
2º	_____	_____	_____	_____
1º	_____	_____	_____	_____

OBS: EM R/U, ANOTAR A PROCEDÊNCIA, SE RURAL OU URBANO

## H- CARACTERÍSTICAS DO VOLANTE

- 1- SEMPRE TRABALHOU COMO VOLANTE? ☐ SIM ☐ NÃO
- 2- QUANTAS HORAS TRABALHA DIARIAMENTE COMO VOLANTE? \_\_\_\_\_
- 3- QUANTAS HORAS PASSA FORA DE CASA? \_\_\_\_\_
- 4- QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR COMO VOLANTE, ONDE? \_\_\_\_\_
- 5- ALÉM DO TRABALHO COMO VOLANTE, DEDICA-SE A OUTRA ATIVIDADE?  
☐ SIM ☐ NÃO
- 6- QUAL?
- 7- JÁ TRABALHOU REGISTRADO?  
☐ SIM ☐ NÃO (PULE P/11)
- 8- QUANDO (ANO) E QUANTO TEMPO?
- 9- ONDE TRABALHOU  
☐ ZONA RURAL ☐ ZONA URBANA
- 10- PORQUE PAROU DE TRABALHAR? \_\_\_\_\_
- 11- PORQUE NÃO TRABALHOU REGISTRADO? \_\_\_\_\_
- 12- JÁ TRABALHOU DE COLONO (MORANDO NA FAZENDA)?  
☐ SIM ☐ NÃO (PULE P/ 15)

ANEXO 12-E

# MÃO-DE-OBRA VOLANTE RURAL

Nº

FL. G

13 - GOSTARIA DE VOLTAR A TRABALHAR NESTAS CONDIÇÕES ?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ NÃO SABE

14 - POR QUE ?

15 - JÁ FOI PROPRIETÁRIO DE TERRAS ?

☐ SIM

☐ NÃO (PULE P/ 17)

16 - POR QUE DISPOS DA PROPRIEDADE ?

17 - PROPRIEDADE QUE POSSUI ATUALMENTE

☐ CASA

☐ TERRENO URBANO

☐ TERRENO RURAL

☐ OUTRO

☐ NÃO POSSUI

18 - LOCAL ONDE TRABALHA ATUALMENTE

## I - NÍVEL DE ASPIRAÇÕES DO VOLANTE

1 - SENTE-SE SATISFEITO TRABALHANDO COMO VOLANTE ?

☐ SIM

☐ NÃO

2 - POR QUE ?

3 - SENTE-SE SEGURO TRABALHANDO COMO VOLANTE ?

☐ SIM

☐ NÃO

4 - POR QUE ?

5 - GOSTARIA DE TER OUTRO TIPO DE EMPREGO ?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ NÃO SABE

6 - QUAL TIPO ?

7 - GOSTARIA DE TRABALHAR REGISTRADO ?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ NÃO SABE

8 - POR QUE ?

9 - JÁ OUVIU FALAR DO ESTATUTO DO TRABALHADOR RURAL ?

☐ SIM

☐ NÃO

10 - ACHA QUE O ETR MELHOROU A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR DO CAMPO ?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ NÃO SABE

11 - POR QUE ?